



A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

10 IDEIAS PARA FORJAR A
PRÓPRIA PERSONALIDADE

WWW.OPUSDEI.PT

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

10 ideias para forjar a
própria personalidade

© 2021 Gabinete de Informação
do Opus Dei

www.opusdei.pt

ÍNDICE

Uma personalidade que se identifique com Cristo

Protagonistas da nossa vida

O verdadeiro amor de si mesmo

Formar o caráter na virtude

Uma vida em diálogo com os outros

Crescer: um projeto em família (I)

Crescer: um projeto em família (II)

Moda, estilo e formação cristã

Coerência: edificar a ordem interior

Empatia: sentir com os outros

UMA PERSONALIDADE QUE SE IDENTIFIQUE COM CRISTO

Por que reajo deste modo? Por que sou assim? Sou capaz de mudar? São algumas das perguntas que alguma vez podem assaltar-nos. Às vezes, consideramo-las em relação aos outros: por que tem aquele modo de ser?... Vamos refletir sobre estas questões, olhando para o nosso objetivo: ser cada vez mais parecidos com Jesus Cristo, deixando-o atuar na nossa vida.

Este processo abarca todas as dimensões da pessoa, que ao divinizar-se conserva as características autenticamente humanas, elevando-as com a vocação cristã. Porque Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem: *perfectus Deus, perfectus homo*. N'Ele contemplamos a figura acabada do ser humano, pois «Cristo Redentor (...) revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é — se assim é lícito exprimir-se — a dimensão humana do mistério da Redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade»[1].

A nova vida que recebemos no Batismo está chamada a crescer até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura de Cristo na sua plenitude[2].

O divino, o sobrenatural, é o elemento decisivo na santidade pessoal, que une e harmoniza todas as facetas do homem, mas não podemos esquecer que isto inclui, como algo intrínseco e necessário, o elemento humano: Se aceitamos a nossa responsabilidade de filhos de Deus, devemos ter em conta que Ele nos quer muito humanos. Que a cabeça toque o céu, mas os pés assentem com toda a firmeza na terra. O preço de vivermos

cristãmente não é nem deixarmos de ser homens nem abdicarmos do esforço por adquirir as virtudes que alguns têm, mesmo sem conhecerem Cristo. O preço de cada cristão é o Sangue redentor de Nosso Senhor, que nos quer – insisto – muito humanos e muito divinos, diariamente empenhados em imitá-lo, pois Ele é “perfectus Deus, perfectus homo”[3].

A tarefa de formar o caráter

A ação da graça nas almas está unida ao crescimento da maturidade humana, ao aperfeiçoamento do caráter. Por isso, ao mesmo tempo que cultiva as virtudes sobrenaturais, um cristão que busca a santidade procurará alcançar os hábitos, os modos de fazer e de pensar que caracterizam uma pessoa madura e equilibrada. O fim das suas ações será refletir a vida de Cristo, e não um simples empenho de perfeição. Por isso, S. Josemaria animava a fazer exame de consciência: Filho, onde está o Cristo que as almas procuram em ti?: na tua soberba?, nos teus desejos de te impores aos outros?, nessas insignificâncias de carácter nas quais não te queres vencer?, nessa teimosia?... Está aí Cristo? – Não!! A resposta dá-nos uma chave para empreender esta tarefa: – De acordo: deves ter personalidade, mas a tua tem de procurar identificar-se com Cristo[4]!

Na própria personalidade influi: tanto aquilo que se herda e se manifesta desde o nascimento, que se costuma chamar temperamento; como os aspetos que se vão adquirindo pela educação, as decisões pessoais, o trato com os outros e o trato com Deus, e muitos outros fatores, que inclusive podem ser inconscientes.

Assim, existem diferentes tipos de personalidades ou caráter – extrovertidos ou tímidos, impulsivos ou reservados, despreocupados ou apreensivos, etc. –, que se manifestam no modo de trabalhar, de se relacionar com os outros, de considerar os acontecimentos diários.

Estes elementos têm influência na vida moral, pois facilitam o desenvolvimento de certas virtudes, mas também podem facilitar o aparecimento de defeitos, se faltar o empenho em moldá-los. Por exemplo, uma personalidade empreendedora pode ajudar a cultivar a laboriosidade, se simultaneamente se viver uma disciplina que evite o defeito da inconstância e do ativismo.

Deus conta com a nossa personalidade para nos levar por caminhos de santidade. O modo de ser de cada um é como uma terra fértil que precisa de ser cultivada: basta tirar, com paciência e alegria, as pedras e as ervas daninhas que impedem a ação da graça, e começará a dar frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um[5].

Cada um pode fazer render os talentos que recebeu das mãos de Deus, se se deixar transformar pela ação do Espírito Santo. Forjando uma personalidade que possa refletir o rosto de Cristo, sem que isto anule nenhuma das suas próprias características, pois diferentes são os santos do Céu, que têm cada um as suas notas pessoais e especialíssimas[6].

Temos de reforçar e aperfeiçoar a personalidade para a ajustar a um estilo cristão, mas não se pode pensar que o ideal seria converter-se numa espécie de “super-homem”. Na verdade, o modelo é sempre Jesus Cristo, que possui uma natureza humana igual à nossa, mas perfeita na sua normalidade e elevada pela graça.

Naturalmente, encontramos um exemplo sublime também na Virgem Maria: nela dá-se a plenitude do humano... e da normalidade. A proverbial humildade e simplicidade de Maria, talvez as suas virtudes mais valorizadas em toda a tradição cristã, unidas à proximidade, ao afeto e à ternura com todos os seus filhos – que são virtudes de uma boa mãe de família –, são a melhor confirmação deste facto: a perfeição de uma criatura – Mais que tu,

só Deus!^[7] – tão plenamente humana, tão encantadoramente mulher, a Senhora por excelência!

Maturidade humana e sobrenatural

A palavra “maturidade” significa em primeiro lugar estar maduro, pronto, e por extensão refere-se à plenitude do ser. Implica também o cumprimento do próprio fim. Por isso, na vida do Senhor encontraremos o melhor paradigma. Contemplá-la nos Evangelhos e ver como Cristo trata as pessoas, ver a sua fortaleza diante do sofrimento, a decisão com que empreendeu a missão recebida do Pai, tudo isso nos dá o critério da maturidade.

Ao mesmo tempo, a nossa fé incorpora todos os valores nobres que se encontram nas diversas culturas, e por isso também é útil assimilar, purificando-os, os critérios clássicos de maturidade humana. É algo que se fez ao longo da história da espiritualidade cristã, em maior ou menor grau, de forma mais ou menos explícita.

O mundo clássico greco-romano, por exemplo (que foi tão sabiamente cristianizado pelos Padres da Igreja), colocou no centro do ideal da maturidade humana especialmente a “sabedoria” e a “prudência”, entendidas com diversos matizes. Os filósofos e teólogos cristãos daquela época enriqueceram esta concepção indicando a primazia das virtudes teológicas, de modo especial a caridade, como vínculo da perfeição^[8] – usando palavras de S. Paulo – e que dá forma a todas as virtudes.

Atualmente, o estudo sobre a maturidade humana completou-se com as perspectivas oferecidas pelas ciências modernas. As suas conclusões são úteis na medida em que partem de uma visão do homem aberta à mensagem cristã.

Assim, alguns costumam distinguir três campos fundamentais na maturidade: intelectual, afetiva e social. Alguns dos traços significativos da maturidade intelectual podem ser: um adequado conceito de si mesmo (a congruência entre aquilo que uma pessoa pensa que é, e aquilo que realmente é; a sinceridade consigo mesmo influi decisivamente nisto); uma filosofia correta da vida; definir pessoalmente metas e fins claros, mas com horizontes abertos e ilimitados (em amplitude, profundidade e intensidade); um conjunto harmonioso de valores; uma clara certeza ético-moral; um realismo sadio diante do mundo próprio e alheio; a capacidade de reflexão e análise serena dos problemas; a criatividade e a iniciativa; etc.

Entre os traços da maturidade afetiva, sem nenhuma pretensão de exaustividade, podem apontar-se: saber reagir proporcionadamente diante dos acontecimentos da vida, sem se deixar abater pelo fracasso nem perder o realismo no sucesso; ter uma capacidade de controlo flexível e construtivo de si mesmo; saber amar, ser generoso e dar-se aos outros; manifestar segurança e firmeza nas decisões e compromissos; atuar com serenidade e capacidade de superação perante os desafios e as dificuldades; o otimismo, a alegria, a simpatia e o bom humor.

Finalmente, como parte da maturidade social encontramos: o afeto sincero pelos outros, o respeito pelos seus direitos e o desejo de descobrir e aliviar as suas necessidades; a compreensão da diversidade de opiniões, valores ou traços culturais, sem preconceitos; a capacidade de crítica e independência perante a cultura dominante, o ambiente, os grupos de pressão ou as modas; uma naturalidade no comportamento que leva a atuar sem convencionalismos; ser capaz de ouvir e compreender; a disposição para colaborar com outros.

Um caminho para a maturidade

Poderíamos resumir aquelas características dizendo que a pessoa madura é capaz de desenvolver um projeto elevado, claro e harmonioso da sua vida, e possui as disposições positivas necessárias para o realizar com facilidade.

Em qualquer caso, a maturidade é um processo que requer tempo, e passa por diferentes momentos e etapas. Costumamos crescer de uma maneira gradual, embora na história pessoal possa haver acontecimentos que levam a dar grandes saltos. Por exemplo: para alguns, o nascimento do primeiro filho marca uma etapa, ao perceberem o que implica esta nova responsabilidade; ou, depois de passar por sérias dificuldades económicas, uma pessoa pode aprender a reconsiderar quais são as coisas verdadeiramente importantes na vida; etc.

No caminho para a maturidade a força transformadora da graça torna-se presente. Basta um olhar sobre a vida das santas e dos santos mais conhecidos para detetar neles os ideais elevados, a certeza das suas convicções, a humildade – que é o conceito mais adequado sobre si mesmo –, a sua criatividade e iniciativa, a sua capacidade de entrega e amor realizados, o seu otimismo contagioso, a sua abertura – o seu empenho apostólico, em última análise – eficaz e universal.

Podemos encontrar um exemplo claro na vida de S. Josemaria que desde a juventude notava que a graça trabalhava nele consolidando uma personalidade madura. Percebia dentro de si mesmo, no meio das dificuldades, uma estabilidade de ânimo fora do comum: Creio que o Senhor pôs na minha alma outra característica: a paz: ter a paz e dar a paz, como vejo acontecer em pessoas com quem me relaciono ou que dirijo[9]. Podiam ser aplicadas a ele, com toda justiça, aquelas palavras do salmo: Super senes intellexi quia mandata tua quaesivi[10], sou mais sensato do

que os anciãos, porque observo os vossos preceitos. O que não exclui que, muitas vezes, se adquira a maturidade com o tempo, os fracassos e os sucessos, que estão previstos pela Providência Divina.

Contar com a graça e o tempo

Embora seja possível verificar que, num dado momento uma pessoa atingiu uma nova etapa de maturidade na sua vida, trabalhar o próprio modo de ser é uma tarefa que se prolonga durante a nossa caminhada terrena.

O conhecimento próprio e a aceitação do próprio carácter darão paz para não desanimar neste empenho. Isto não significa ceder ao conformismo. Significa reconhecer que o heroísmo da santidade não exige possuir uma personalidade perfeita agora, nem aspirar a um modo de ser idealizado, pois a santidade requer a luta paciente de cada dia, sabendo reconhecer os erros e pedir perdão.

As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta[11]. O Senhor conta com o esforço constante ao longo do tempo para aperfeiçoar o próprio modo de ser. É significativo, por exemplo, aquilo que uma pessoa comentava sobre a serva de Deus Dora del Hoyo já no final da sua vida: «“Dora, quem te viu e quem te vê! Olha que és outra!”. Riu-se: Sabia muito bem a que me referia»[12]. Tinha verificado como, com os anos, o seu carácter tinha atingido uma estabilidade de ânimo que conseguia moderar as reações do seu génio.

Neste empreendimento contamos sempre com a ajuda do Senhor e os cuidados maternos de Santa Maria: «Nossa Senhora realiza precisamente isto em nós, ajuda-nos a crescer humanamente e na fé, a ser fortes e a não ceder à tentação de ser homens e cristãos de modo superficial, mas a viver com responsabilidade, a tender sempre cada vez mais para o alto»[13].

Nos próximos editoriais abordaremos diversos elementos envolvidos na formação do caráter. Destacaremos algumas das principais características da maturidade cristã. Contemplaremos o edifício que o Espírito Santo, com a colaboração ativa de cada um, procura construir no interior da alma, e consideraremos as características dos alicerces, o que fazer para garantir a firmeza da estrutura, e como remediar o aparecimento de alguma fissura.

Forjar uma personalidade capaz de refletir claramente a imagem de Jesus Cristo é um grande desafio!

J.Sesé

[Voltar ao índice](#)

[1] S. João Paulo II, Enc. *Redemptor Hominis*, n. 10.

[2] *Ef* 4, 13.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 75.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 468.

[5] *Mt* 13, 8.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 947.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 496.

[8] *Cl* 3, 14.

[9] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1095, citado em Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei*, vol. I, Editorial Verbo 2002, p. 507.

[10] *Sl* 118 (Vg).

[11] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 76.

[12] Lembranças de Rosalía López Martínez, Roma 29-IX-2006 (AGP, DHA, T-1058), citado em Javier Medina Bayo, *Dora del Hoyo, uma luz humilde e resplandecente*, Quadrante, São Paulo 2012, p. 102.

[13] Papa Francisco, *Palavras após a oração do terço na basílica de Santa Maria Maior*, 6-V-2013.

PROTAGONISTAS DA NOSSA VIDA

«Peço-vos para serdes construtores do mundo, que trabalheis por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não fiqueis a olhar a vida “da varanda”, metei-vos nela, Jesus não ficou na varanda, mergulhou... “Não olheis a vida da varanda”, mergulhai nela como fez Jesus»[1]. Face a estas palavras do Papa Francisco aos jovens, surgem imediatamente algumas perguntas, que o próprio Romano Pontífice formulava a seguir: «Começamos? Por onde? Por ti e por mim! Cada um, de novo em silêncio, interroga-se: se devo começar por mim, por onde principio? Abra cada um o seu coração, para que Jesus lhe diga por onde começar»[2]. Para sermos protagonistas dos acontecimentos do mundo é indispensável começar por ser protagonistas da nossa própria vida.

Livres e condicionados

Este protagonismo implica reconhecer que se bem que as circunstâncias familiares ou sociais influem no nosso carácter, não o determinam de um modo absoluto. O mesmo se pode dizer dos instintos mais elementares que provêm da constituição corporal e também da herança genética: marcam algumas tendências, mas podem-se moldar e orientar com o exercício de uma vontade que segue a razão bem formada.

A nossa personalidade forja-se na medida em que livremente tomamos decisões, já que as ações humanas não se dirigem unicamente a mudar o nosso ambiente, mas também influem no nosso modo de ser. Ainda que por vezes aconteça de uma maneira não muito consciente, a repetição de atos faz com que adquiramos determinados costumes ou adotemos uma postura diante da realidade. Por isso, quando explicamos a razão das nossas reações

espontâneas, mais do que dizer "eu sou assim", muitas vezes teríamos que admitir: "eu fiz-me assim".

Temos condicionamentos que muitas vezes são difíceis de controlar, como a qualidade das relações familiares, o ambiente social em que se cresce, uma doença que nos limita nalgum sentido, etc. Frequentemente, não é possível ignorá-los ou remediá-los, mas pode-se, sim, mudar a atitude com que se enfrentam, sobretudo se tivermos consciência de que nada escapa aos cuidados providentes de Deus: É necessário repetir uma e outra vez que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas que veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados de Deus, de todos eles espera amor[3]. Em qualquer circunstância, mesmo com grandes limitações, podemos dar a Deus e ao próximo obras de amor, por mais pequenas que pareçam; quem sabe quanto vale um sorriso no meio da tribulação, o oferecimento ao Senhor da dor em união com a Cruz, a aceitação paciente das contrariedades? Nada pode superar um amor sem limites, mais forte que a dor, que a solidão, que o abandono, que a traição, que a calúnia, que o sofrimento físico e moral, que a própria morte.

Artífices da própria vida

Descobrir os talentos pessoais – virtudes, capacidades, jeitos, agradecê-los e retirar-lhes o partido possível é tarefa da nossa liberdade. Mas temos que recordar que aquilo que mais estrutura a personalidade cristã são os dons de Deus, que incidem no mais íntimo do nosso ser. Entre eles encontra-se, de modo eminente, o presente imenso da filiação divina, recebido com o Batismo. Graças a esta, o Pai vê em nós a imagem – ainda que imperfeita, pois somos criaturas limitadas – de Jesus Cristo, que se torna cada vez mais clara com o sacramento da Confirmação, o perdão transformador da Penitência e, especialmente, a comunhão com o seu Corpo e o seu Sangue.

Partindo destes dons recebidos da mão de Deus, cada pessoa, queira ou não, é autor da sua existência. Com palavras de São João Paulo II, «confia-se a cada homem a tarefa de ser artífice da própria vida; de certo modo, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima»[4]. Somos donos dos nossos atos – o Senhor, desde o princípio, criou o homem e deixou-lhe nas mãos o seu próprio arbítrio[5]; somos nós, se quisermos, que levamos as rédeas das nossas vidas no meio das tormentas e dificuldades.

Somos livres! Esta descoberta experimenta-se com algo de incerteza; para onde levarei a minha vida? Mas sobretudo com alegria: Deus, ao criar-nos, correu o risco e a aventura da nossa liberdade. Quis uma história que seja uma história verdadeira, feita de decisões autênticas e não uma ficção nem um jogo[6]. Nesta aventura não estamos sós; contamos, em primeiro lugar, com a ajuda do próprio Deus, que nos propõe uma missão e também com a colaboração dos outros, familiares, amigos, até de pessoas que coincidem casualmente connosco nalgum momento da existência. O protagonismo na própria vida não implica negar que para muitos aspetos somos dependentes e se consideramos que esta dependência é recíproca, então também poderíamos dizer que somos interdependentes. A liberdade, portanto, não se basta a si própria; ficaria vazia se não a empregássemos para nos comprometermos em coisas grandes, magnânimas. Como veremos, a liberdade é para a entrega ou, dito de outro modo, só tem lugar uma liberdade entregue.

Um caminho para recorrer

S. Josemaria costumava recordar um cartaz que encontrou em Burjasot (Valência), pouco tempo depois do fim da guerra civil espanhola, com uma frase que não poucas vezes citou na sua pregação: "Cada caminhante siga o seu caminho". Cada alma vive a sua própria vocação de um modo pessoal, com os seus próprios acentos: Pode andar-se pela direita, pela esquerda, em

zig-zag, caminhando com os pés, a cavalo. Há cem mil maneiras de andar pelo caminho divino[7]. Cada pessoa é o autor principal da sua história de santidade, cada uma tem o seu selo distintivo, na configuração de qualquer faceta da sua existência e da sua personalidade, evitando o mero "deixar-se levar" pelos acontecimentos.

Livremente — como filhos, insisto, não como escravos — seguimos o caminho que o Senhor assinalou para cada um de nós. Saboreamos esta facilidade de movimentos como um presente de Deus[8]. Esta liberdade — soberania humana — vai pela mão da responsabilidade, do saber que somos "feitura de Deus": um sonho divino que se torna realidade na medida em que experimentamos o amor sem condições, que pede a nossa resposta. O amor de Deus afirma a nossa liberdade e eleva-a a níveis insuspeitados com a Sua graça.

Caminhar acompanhados

Dentro dos planos divinos, a vida está feita para se partilhar; o Senhor conta com a ajuda mútua que prestam os seres humanos uns aos outros. Verificamo-lo, de facto, todos os dias; tantas vezes nem sequer somos capazes de cobrir as necessidades mais básicas e perentórias de maneira individual. Ninguém pode ser completamente autónomo. Num nível mais profundo, cada pessoa nota essa necessidade de se abrir a alguém mais, de partilhar a existência, de dar e de receber amor. «Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Na minha vida entra continuamente a dos outros, no que penso, digo, naquilo em que me ocupo ou faço. E vice-versa, a minha vida entra na vida dos outros, tanto no bem como no mal»[9].

Esta abertura natural para os outros chega à sua máxima expressão nos planos redentores do Senhor. Quando recitamos o Símbolo dos Apóstolos,

confessamos que cremos na comunhão dos santos, comunhão que é o âmago da Igreja. Por isso, na vida espiritual, é também indispensável aprender a contar com a ajuda dos outros, que estão implicados de um ou de outro modo na nossa relação com Deus; recebemos a fé através dos ensinamentos dos nossos pais e catequistas; participamos dos sacramentos que celebra um ministro da Igreja; recorremos ao conselho espiritual de outro irmão na fé, que também reza por nós; etc.

Saber que caminhamos acompanhados na vida cristã enche-nos de alegria e tranquilidade, sem que diminua o nosso próprio empenho por alcançar a santidade. Ainda que muitas vezes nos deixemos levar pela mão, o nosso papel não se limita a isso. São Josemaria, ao referir-se à vida espiritual, manifestava que o conselho não elimina a responsabilidade pessoal. E concluía: a direção espiritual deve tender para formar pessoas de critério[10]. Por isso, não queremos que nos supram nas resoluções que tomamos, nem deixar de pôr esforço nas tarefas que fizemos próprias.

Ao mesmo tempo que reconhecemos a ajuda indispensável dos outros, temos que ter consciência de que, na vida espiritual é o Senhor quem atua através deles para nos transmitir a Sua luz e força. Isto dá-nos segurança para continuar a caminhar para a santidade quando, por um ou outro motivo, faltam aquelas pessoas que tinham um papel importante na nossa vida cristã. Neste sentido, também gozamos de uma profunda liberdade de espírito em relação às pessoas que Deus pôs ao nosso lado, a quem amamos através do coração de Cristo e cujo apoio agradecemos profundamente.

Livres para amar sem condições

Os cristãos sabem que a plenitude pessoal chega como fruto da livre e total disponibilidade aos desejos do Amor de um Deus Criador, Redentor e Santificador. Os dons que recebemos atingem o seu máximo rendimento ao

abrir-nos à graça de Deus, como confirma a experiência de tantos santos e santas. Ao deixar que o Senhor se metesse nas suas vidas, souberam pôr-se amorosamente ao seu serviço, como Santa Maria que, no momento da Anunciação pronuncia a resposta firme: fiat! —faça-se em mim segundo a tua palavra! — o fruto da melhor liberdade: a de se decidir por Deus[11].

Quando uma pessoa se decide por Deus, empenha os seus sonhos e energias naquilo que mais vale a pena. Apercebe-se do sentido último da liberdade, que não está simplesmente em poder escolher uma coisa ou outra, mas em poder dispor da vida para algo grande, aceitando compromissos definitivos. Dedicar as próprias qualidades a seguir a Cristo, ainda que por vezes implique recusar outras opções, traz a felicidade, o cem por um[12] na terra e a vida eterna[13]. Reflete também um alto grau de maturidade interior, pois só quem tem uma personalidade com convicções é capaz de se comprometer de uma maneira total, Livremente, sem coação alguma, porque me apetece, decido-me por Deus[14].

Abandonar passado, presente e futuro no Senhor

A alma que opta por Deus move-se com uma paz interior que supera qualquer tribulação. Sei em quem acreditei[15]: são palavras que expressam a confiança de São Paulo no meio das dificuldades por ser fiel à sua vocação de apóstolo das gentes. Quem põe o Senhor por fundamento, goza de uma segurança inquebrantável e isto permite-lhe doar-se também aos outros, vivendo o celibato por motivos apostólicos ou no matrimónio ou em tantos outros caminhos que pode tomar a existência cristã. É uma entrega que abarca presente, passado e futuro, como rezava São Josemaria: Senhor, meu Deus: nas tuas mãos abandono o passado, o presente e o futuro, o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno[16].

Ninguém pode alterar o passado. No entanto, o Senhor toma a história de cada um, perdoa no sacramento da Reconciliação os pecados que possam ter existido e reintegra harmoniosamente esses acontecimentos na vida dos seus filhos. Tudo é para bem[17]: mesmo os erros que cometemos, se sabemos recorrer à misericórdia divina e, com a graça de Deus, procuramos viver no presente mais pendentes d'Ele. Assim se está também em condições de ver confiadamente o futuro, pois sabemos que está nas mãos de um Pai que nos ama; quem está nas mãos de Deus, cai e levanta-se sempre nas mãos de Deus!

Decidir-se por Deus é aceitar o seu convite para que escrevamos a nossa biografia com Ele. Reconhecendo humildemente a liberdade como um dom, empregamo-la em cumprir, em companhia de tantas outras pessoas, a missão que o Senhor nos confia. E experimentamos com alegria que os seus planos superam as nossas previsões, como dizia São Josemaria a um jovem: Deixa-te levar pela graça! Deixa que o teu coração voe! (...). Faz a tua pequena novela: uma novela de sacrifícios e de heroísmos. Com a graça de Deus, ficarás aquém[18].

J.R. García-Morato

[Voltar ao índice](#)

[1] Francisco, Discurso, 27-VII-2013.

[2] Ibidem.

[3] Cristo que passa, n. 110.

[4] São João Paulo II, Carta aos artistas, 4-IV-1999, n. 2.

[5] Sir 15,14.

[6] S. Josemaria, "Las riquezas de la fe". Artigo publicado no ABC, 2-XI-1969.

[7] S. Josemaria, Carta 2-II-1945, n. 19.

[8] Amigos de Deus, n. 35.

[9] Bento XVI, Enc. Spe salvi, 30-XI-2007, n. 48.

[10] Temas Actuais do Cristianismo, n. 93.

[11] Amigos de Deus, n. 25.

[12] Mt 19,29.

[13] Ibidem.

[14] Amigos de Deus, n. 35.

[15] 2 Tim 1,12.

[16] Via Sacra, VII, n. 3.

[17] Cfr. Ro 8,28.

[18] S. Josemaria, Notas de uma tertúlia, 29-VI-1974 (AGP, biblioteca, P04, p. 45).

O VERDADEIRO AMOR DE SI MESMO

Vós sabeis que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro (...) que tendes sido resgatados (...) mas pelo precioso sangue de Cristo [1]. S. Pedro recorda aos primeiros cristãos que a sua existência tem um valor imenso, porque foram objeto do grande amor do Senhor, que os redimiu. Cristo, com o dom da filiação divina, enche de segurança os nossos passos pelo mundo. Assim o manifestava espontaneamente um rapaz a S. Josemaria: 'Padre' - dizia-me aquele rapaz (que será feito dele?), bom estudante da Universidade – , pensava no que me disse... que sou filho de Deus! E surpreendi-me, pela rua, de corpo 'emproado' e soberbo por dentro...filho de Deus!. Aconselhei-o, com segura consciência, a fomentar a "soberba"[2].

Conhecer a grandeza da nossa condição

Como entender esse fomentar a "soberba"? Certamente, não se trata de imaginar virtudes que se não têm, nem de viver com um sentido de autossuficiência que cedo ou tarde atraiçoa. Consiste antes em conhecer a grandeza da nossa condição: «o ser humano é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma»[3]; criado à Sua imagem e semelhança, é chamado a levar à plenitude esta imagem ao identificar-se cada vez mais com Cristo pela ação da graça.

Esta vocação sublime fundamenta o verdadeiro amor de si mesmo que está presente na fé cristã. À luz desta fé, podemos julgar os nossos êxitos e fracassos. A aceitação serena da própria identidade condiciona a nossa maneira de estar no mundo e de agir sobre ele. Contribui, além disso, para a confiança pessoal que reduz os medos, precipitações e inibições, facilita a abertura aos outros e às novas situações, e fomenta o otimismo e a alegria.

A ideia positiva ou negativa que temos de nós mesmos depende do autoconhecimento e do cumprimento das metas que cada um se propõe. Estas partem, em boa medida, dos modelos de homem ou mulher que desejamos alcançar e que se nos apresentam de modos muito diversos, por exemplo, através da educação recebida no lar, dos comentários de amigos ou conhecidos e das ideias predominantes numa determinada sociedade. Por isso, é importante definir quais são os nossos pontos de referência, já que se são, altos e nobres, contribuirão para uma adequada autoestima. E convém identificar quais são os modelos que circulam na nossa cultura porque, mais ou menos conscientemente, influem na forma como nos valorizamos.

Interrogar-se sobre os modelos

Sucedem, por vezes, que fazemos uma apreciação distorcida sobre nós ao ter admitido uns critérios de sucesso que, na verdade, podem ser pouco realistas e até nocivos: a eficácia profissional a todo o custo, relações afetivas egocêntricas, estilos de vida marcados pelo hedonismo. Podemos supervalorizar-nos depois de alguns êxitos, que nos parecem reconhecidos pelos demais; também nos pode ocorrer o contrário: desvalorizar-nos, por não haver atingido determinados objetivos ou por não nos sentirmos considerados em certos ambientes. Estas avaliações erradas são, em grande parte, o resultado de olhar demasiado para quem qualifica a trajetória pessoal exclusivamente em função do que se consegue, tem ou possui.

Para evitar os riscos anteriores, vale a pena perguntar-se sobre quais são os nossos pontos de referência na vida profissional, familiar, social e se estes são compatíveis com uma perspetiva cristã da existência. Sabemos, além disso, que, em última análise o modelo mais perfeito, completo e inteiramente coerente é Jesus Cristo. Ver a nossa vida à luz da Sua é o melhor modo de nos valorizarmos, pois sabemos que Jesus é um exemplo

próximo, com Quem temos uma relação pessoal – de um eu com um Tu – através do amor.

Autoconhecimento: com a luz de Deus

Para avaliar-se verdadeiramente, é fundamental conhecer-se. Esta tarefa é complexa e requer uma aprendizagem que, em certo sentido, nunca termina. Começa por superar uma perspectiva exclusivamente subjetiva – "a meu ver", "na minha opinião", "parece-me" ... – para ter em conta outros pontos de vista. Se nem sequer sabemos com exatidão como é a nossa voz e aparência física, e temos que recorrer a ferramentas, como um gravador ou um espelho, quanto mais será indispensável admitir que não somos os melhores juízes para avaliar a nossa própria personalidade!

Além da reflexão pessoal, conhecer-se a si mesmo é fruto do que nos ensinam os outros sobre nós. Isto consegue-se quando sabemos abrir-nos a quem nos pode ajudar – temos um grande recurso na direção espiritual pessoal – aceitando as suas opiniões e considerando-as em relação a um bom ideal de vida. Neste âmbito também influem a interação com quem nos rodeia, as modas e os costumes da sociedade. Um ambiente que promove a reflexão, favorece o desenvolvimento dos recursos de introspeção; enquanto um ambiente com um estilo de vida superficial, limita esse desenvolvimento.

Convém, pois, fomentar hábitos de reflexão e perguntar-nos como Deus nos vê. A oração é o momento oportuno, porque ao mesmo tempo que conhecemos o Senhor, nos conhecemos com a Sua luz. Entre outras coisas, procuraremos compreender os comentários e conselhos que podemos receber dos outros. Nalgum caso, saberemos distanciar-nos dos juízos de outras pessoas, quando notamos que os fazem com fundamentos pouco objetivos, ou talvez de um modo pouco reflexivo, especialmente se julgam

segundo critérios que não são compatíveis com a vontade de Deus. É preciso saber escolher a quem prestar mais atenção, porque, como diz a Escritura: É melhor ouvir a reprimenda de um sábio que o louvor de um louco[4].

Por outro lado, como todos somos em parte responsáveis pela autoestima daqueles que nos rodeiam, havemos de esmerar-nos para que nas nossas palavras se reflita a consideração por cada um, que é filho de Deus. Especialmente se temos uma posição de autoridade ou de orientação (na relação pai-filho, professor-aluno, etc.) os conselhos e indicações contribuirão a reafirmar nos outros a convicção do próprio valor, mesmo quando se vê que é necessário corrigir. Este é o ponto de partida, o oxigênio para que a pessoa cresça respirando por si mesma, com esperança.

Aceitação pessoal: assim nos quer o Senhor

Ao considerar o próprio modo de ser à luz de Deus, estamos em condições de nos aceitarmos tal como somos: com talentos e virtudes, mas também com defeitos que admitimos humildemente. A verdadeira autoestima implica reconhecer que nem todos somos iguais e aceitar que outras pessoas podem ser mais inteligente, tocar melhor um instrumento musical, ser mais desportistas... Todos temos boas qualidades que podemos desenvolver e, mais importante, todos somos filhos de Deus. Nisto reside a verdadeira autoaceitação, o sentido positivo do amor-próprio cristão que quer servir a Deus e aos demais, rejeitando as comparações excessivas que poderiam levar à tristeza.

Em última análise, aceitar-nos-emos como somos, se não perdemos de vista que Deus nos ama com as nossas limitações, que fazem parte do nosso caminho de santificação e são matéria da nossa luta. O Senhor escolhe-nos, como aos primeiros Doze: homens correntes, com defeitos, com

debilidades, com palavras maiores do que as suas obras. E, contudo, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens(cfr. Mt 4, 19), correntores, administradores da graça de Deus[5].

Perante o êxito e os fracassos

A partir desta abordagem sobrenatural, contemplam-se mais profundamente a nossa forma de ser e a trajetória biográfica, compreendendo o seu sentido pleno. Relativizam-se, com uma visão de eternidade, os sucessos e as realizações temporais. Então, se nos alegramos com o sucesso na nossa atividade, sabemos também que o mais importante é que esta tenha servido para crescer em santidade. É o realismo cristão, a maturidade humana e sobrenatural, que do mesmo modo que não se deixa levar pela exaltação que pode provocar o triunfo ou o louvor, também não se deixa arrastar pelo pessimismo perante a derrota. Ajuda muito dizer, como São Pedro, que o bem, fizemo-lo em nome de Jesus Cristo Nazareno[6]!

Ao mesmo tempo, admitir que as dificuldades externas e as próprias imperfeições limitam as nossas realizações é um dos aspetos que dá forma à autoestima, fundamenta a maturidade pessoal e abre as portas da aprendizagem. Só podemos aprender a partir do reconhecimento das nossas faltas e com a atitude de retirar experiências positivas do que aconteceu: Fracassaste! - Nós não fracassamos nunca. - Puseste por completo a tua confiança em Deus. Não omitiste, depois, nenhum meio humano. Convence-te desta verdade: o êxito - agora e nisto - era fracassar. - Dá graças ao Senhor e... torna a começar[7]! Está-se em condições de empreender o caminho da Cruz, que mostra o paradoxo da fortaleza, da debilidade, a grandeza da miséria e o crescimento na humilhação, e ensina a sua extraordinária eficácia.

Trabalhar com segurança e saber retificar

A segurança pessoal é mais forte quando se apoia no saber-se filhos amados de Deus, e não na certeza de obter o sucesso, que muitas vezes nos foge. Esta convicção permite tolerar o risco que acompanha qualquer decisão, superar a paralisia da insegurança e manter uma atitude razoável de abertura à novidade. Não é prudente quem nunca se engana, mas quem sabe retificar os seus erros. É prudente, porque prefere não acertar vinte vezes a deixar-se ficar num cómodo abstencionismo. Não age com precipitação desenfreada ou com absurda temeridade, mas assume o risco das suas decisões e não renuncia a conseguir o bem com medo de não acertar[8].

Partindo das limitações pessoais e da capacidade de aprender do ser humano, retificar pressupõe uma melhoria, um enriquecimento pessoal que, por sua vez, reverte no que o rodeia e em quem o rodeia, contribuindo simultaneamente para incrementar a confiança em si mesmo e no meio ambiente. Quem se põe nas mãos do Pai celeste está seguro, porque todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus[9], até as quedas, quando pedimos perdão ao Senhor e, com a sua graça, nos levantamos havendo crescido em humildade. Deste modo, saber retificar faz parte do processo de conversão: Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, (Deus aí está) fiel e justo para nos perdoar os pecados e para nos purificar de toda a iniquidade[10].

Uma virtude indispensável

A autoestima cresce, em síntese, com a ajuda da humildade, porque esta é a virtude que nos ajuda a conhecer simultaneamente a nossa miséria e a nossa grandeza[11]. Se falta esta atitude da alma, não é raro que cheguem problemas de estima pessoal. Mas quando se cultiva, a pessoa enche-se de

realismo, e avalia-se corretamente: não somos homens nem mulheres impecáveis, mas também não somos seres corrompidos! Somos filhos de Deus, e sobre as nossas limitações alicerça-se uma dignidade surpreendente.

A humildade gera o ambiente interno que permite conhecer-nos como somos e nos impulsiona a procurar sinceramente o apoio dos outros, ao mesmo tempo que lhe damos o nosso. Em última análise, todos e cada um necessitamos de Deus, porque é n'Ele que temos a vida, o movimento e o ser[12], que é Pai misericordioso e vela continuamente por nós. Quanta segurança e confiança houve na vida de Santa Maria! Se pode dizer que realizou em mim maravilhas Aquele que é Poderoso e cujo nome é Santo[13] é porque vive muito consciente da humildade da sua serva[14]. N'ela, humildade e consciência da grandeza da própria vocação, combinam-se maravilhosamente.

J. Cavanyes

[Voltar ao índice](#)

[1] 1 Pe 1, 18-19.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 274.

[3] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 24.

[4] *Ecl* 7, 5.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 2.

[6] *Act* 3, 6.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 404.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 88.

[9] *Rm* 8, 28.

[10] *1 Jo* 1, 8-9.

[11] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 94.

[12] *Act* 17, 28.

[13] *Lc* 1, 49.

[14] *Lc* 1, 48.

FORMAR O CARÁTER NA VIRTUDE

Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante d'Ele, suplicou-Lhe: Bom Mestre, que farei para alcançar a vida eterna?[1]. Nós, discípulos do Senhor, presenciamos a cena com os Apóstolos e, talvez, nos surpreendamos com a resposta: Por que me chamas bom? Só Deus é bom[2]. Jesus não dá uma resposta direta. Com suave pedagogia divina, quer dirigir aquele jovem para o sentido último das suas aspirações: «Jesus mostra que a pergunta do jovem é, na verdade, uma pergunta religiosa, e que a bondade que atrai e simultaneamente vincula o homem, tem a sua fonte em Deus, mais, é o próprio Deus, o único que é digno de ser amado "com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente"»[3].

Para entrar na Vida

O Senhor volta, em seguida, às palavras daquela consulta audaz: que devo fazer? Se queres entrar na vida – responde – observa os mandamentos[4]. Tal como o apresentam os Evangelhos, o jovem é um judeu piedoso que poderia ter ficado satisfeito com esta resposta; o Mestre confirmou-o nas suas convicções, pois descreve-lhe os mandamentos que tem vivido desde a sua adolescência [5]. No entanto, quer ouvi-los da boca deste novo Rabi que ensina com autoridade. Intui, e não se equivoca, que pode abrir-lhe horizontes insuspeitados. Pergunta: Quais?[6], Jesus recorda-lhe os deveres que têm a ver com o próximo: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe, amarás o teu próximo como a ti mesmo[7]. São os preceitos – a chamada segunda tábua – que protegem «o bem da pessoa, imagem de Deus, mediante a proteção dos seus bens»[8]. Constituem a primeira etapa, o

caminho para a liberdade, não a liberdade perfeita, como afirma Santo Agostinho[9]; dito de outro modo, são um primeiro passo no caminho do amor, mas ainda não o amor amadurecido, plenamente satisfeito.

Que me falta ainda?

O jovem conhece e vive aqueles preceitos, mas algo no seu interior lhe pede mais; tem que haver – pensa – algo mais que possa fazer. Jesus lê no seu coração: fixou nele o olhar, sentiu afeição por ele[10]. E lança-lhe o desafio da sua vida: Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me[11]. Jesus Cristo pôs aquele homem perante a sua consciência, perante a sua liberdade, perante o seu desejo de ser melhor. Nós não sabemos em que medida entendeu o convite do Mestre, embora pela sua própria pergunta – que me falta ainda? – pareça que ele esperava outras "coisas para fazer". As suas disposições são boas, embora talvez ainda não tivesse compreendido a necessidade de interiorizar o sentido dos mandamentos do Senhor.

A vida, para a qual Deus chama, não consiste unicamente em fazer coisas boas, mas em "ser bons", virtuosos. Como costumava concretizar S. Josemaria[12], não basta ser bondadosos, mas bons, de acordo com o panorama imenso – só Deus é bom[13] - que Jesus abre diante de nós.

A maturidade cristã implica tomar as rédeas da nossa vida, perguntar-nos realmente, diante de Deus, o que nos falta ainda. Obriga-nos a sair do refúgio confortável de quem é um cumpridor da lei para descobrir que o que conta é seguir Jesus, apesar dos próprios erros. Deixamos então que os seus ensinamentos transformem o nosso modo de pensar e de sentir. Experimentamos que o nosso coração, antes pequeno e estreito, dilata-se com a liberdade que Deus nele colocou: correrei pelo caminho dos vossos mandamentos, porque sois Vós que dilatais o meu coração[14].

O desafio da formação moral

O jovem não esperava que "o que lhe faltava" fosse precisamente pôr a sua vida aos pés de Deus e dos outros, perdendo a segurança de ser cumpridor. E retirou-se triste, como sucede a todo aquele que prefere seguir apenas o seu próprio itinerário, em vez de deixar que Deus o guie e o surpreenda. Deus chamou-nos para viver com a Sua liberdade - *hac libertate nos Christus liberavit*[15] - e, no fundo, o nosso coração não se conforma com menos.

Amadurecer, é aprender a viver de acordo com uns ideais elevados. Não se trata simplesmente de conhecer uns preceitos ou de adquirir uma visão cada vez mais aperfeiçoada das repercussões dos nossos atos. Decidir-se a ser bons – santos, em última análise – supõe identificar-se com Cristo, sabendo descobrir as razões do estilo de vida que Ele nos propõe. Implica, portanto, saber o significado das normas morais, que nos ensinam a que bens precisamos de aspirar, como devemos viver para alcançar uma existência plena. E isto consegue-se incorporando no nosso modo de ser as virtudes cristãs.

Os pilares do caráter

O saber moral não é um discurso abstrato, nem uma técnica. A formação da consciência requer um fortalecimento do caráter que se apoia nas virtudes como seus pilares. Estas são a base da personalidade, estabilizam-na, transmitem-lhe equilíbrio. Fazem-nos capazes de sair de nós mesmos, do egocentrismo, e direcionar o foco dos nossos interesses para fora de nós próprios, para Deus e para os outros. A pessoa virtuosa está centrada, é ponderada em tudo, é reta, íntegra, de uma só peça. Por sua vez, aquele que carece de virtudes, dificilmente será capaz de empreender grandes projetos ou de dar forma aos grandes ideais. A sua vida estará feita

de improvisos e oscilações, de modo que não será fiável, nem sequer para si mesmo.

Fomentar as virtudes expande a nossa liberdade. Não tem nada a ver a virtude com a habituação ou com a rotina. Desde logo, para que ganhe raízes um hábito operativo bom, para que cristalize no nosso modo de ser e nos leve a fazer o bem com mais facilidade, não basta uma única ação. A repetição sucessiva, ajuda a que se estabilizem os hábitos: faz-nos bons sendo bons. Repetir a resolução de pôr-se a estudar a uma hora, por exemplo, faz com que a segunda vez nos custe menos do que a primeira, e a terceira um pouco menos do que a segunda..., mas deve-se perseverar na determinação de pôr-se a estudar para manter o hábito de estudo, porque de outro modo perde-se.

A renovação do espírito

As virtudes humanas e sobrenaturais, orientam-nos para o bem, para aquilo que preenche as nossas aspirações. Ajudam-nos a alcançar a autêntica felicidade, que consiste em unir-se a Deus: a vida eterna consiste em que conheçam a Ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste[16]. Dão facilidade para agir de acordo com os preceitos morais, que já não se veem apenas como normas a cumprir, mas como um caminho que conduz à perfeição cristã, à identificação com Jesus Cristo, de acordo com o estilo de vida das bem-aventuranças, que são como que o retrato do Seu rosto e «referem-se a atitudes e disposições de fundo da existência»[17] que conduzem à vida eterna.

Abre-se, então, um caminho de crescimento na vida cristã, segundo as palavras de S. Paulo: transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que Lhe agrada e o que é perfeito[18]. A graça transforma o modo como julgamos

os diferentes acontecimentos, e dá-nos novos critérios para atuar. Progressivamente, aprendemos a ajustar o nosso modo de ver as coisas com a vontade de Deus, que também se expressa na lei moral, de modo que amamos o bem, a vida santa, e gostamos do que é bom, Lhe agrada e é perfeito[19]. Alcança-se a maturidade moral e afetiva, do ponto de vista cristão, que leva a apreciar facilmente o que é verdadeiramente nobre, verdadeiro, justo e bonito, e a rejeitar o pecado, que ofende a dignidade dos filhos de Deus.

Este caminho leva a formar, como dizia S. Josemaria, uma «alma de critério»[20]. Mas quais são as características deste critério? Noutro momento, ele acrescentava: «o critério pressupõe maturidade, firmeza de convicções, conhecimento suficiente da doutrina, delicadeza de espírito, educação da vontade»[21]. Que grande retrato da personalidade cristã: uma maturidade que nos ajuda a tomar decisões, com liberdade interior, e a torná-las próprias, isto é, com a responsabilidade de quem sabe dar conta delas; umas convicções fortes e seguras, baseadas num conhecimento profundo da doutrina cristã que alcançamos através de aulas ou palestras de formação, de leituras, da reflexão e, especialmente, do exemplo de outros, pois as «verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão»[22]. Isto relaciona-se com a delicadeza de espírito, que se traduz na amabilidade para com os outros e na educação da vontade que se decide a levar uma vida virtuosa. Uma alma de critério, portanto, sabe perguntar-se nas diferentes circunstâncias: que espera Deus de mim? Pede luzes ao Espírito Santo, recorre aos princípios que assimilou, aconselha-se com quem pode ajudar, e sabe atuar em conformidade.

Fruto do amor

Assim entendido, o comportamento moral – que se concretiza em viver os mandamentos com a força da virtude – é fruto do amor, que nos

compromete com a procura e a promoção do bem. Um amor assim, vai além do sentimento, que pela sua própria natureza é flutuante e efémero: não depende dos estados de ânimo do momento, do que me apetece, ou do que me agradaria numa determinada circunstância. Pelo contrário, amar e ser amado pressupõe um dar-se, que se baseia no atrativo que originam no coração o saber-se amado por Deus e aqueles grandes ideais pelos quais vale a pena penhorar a liberdade: «na entrega voluntária, em cada instante dessa dedicação, a liberdade renova o amor e renovar-se é ser continuamente jovem, generoso, capaz de grandes ideais e de grandes sacrifícios»[23].

A perfeição cristã não se limita ao cumprimento de umas normas, nem ao desenvolvimento isolado de capacidades como o autocontrole ou a eficiência. Impulsiona, em vez disso, entregar a liberdade ao Senhor, para responder ao Seu convite: vem e segue-Me[24], com a ajuda da Sua graça. Trata-se de viver segundo o Espírito[25], movidos pela caridade, de modo que se deseja servir os outros, e compreende-se que a lei de Deus é a via privilegiada para realizar esse amor livremente escolhido. Não é questão de cumprir umas regras, mas de aderir a Jesus, de compartilhar a Sua vida e o Seu destino, obedecendo à vontade do Pai.

Sem ser perfeccionistas

Este esforço para crescer nas virtudes é alheio a qualquer afã narcisista de perfeição. Lutamos por amor ao nosso Pai Deus e é n'Ele que temos fixo o olhar e não em nós mesmos. Convém, portanto, rejeitar a tendência para o perfeccionismo, que poderia talvez surgir, se planeássemos erroneamente a nossa luta interior de acordo com uns critérios de eficácia, rigor, rendimento..., muito em voga nalguns contextos profissionais, mas que descaracterizam a vida moral cristã. A santidade consiste principalmente em amar a Deus.

Na verdade, a maturidade leva a harmonizar o desejo de atuar bem, com as limitações reais que experimentamos em nós mesmos e nos outros. Às vezes, podemos ter vontade de dizer com São Paulo: não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que aborreço (...) Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?[26]. No entanto, não perderemos a paz, porque Deus nos diz o mesmo que ao Apóstolo: *basta-te a Minha graça* [27]. Enchemo-nos de agradecimento e esperança, porque o Senhor conta com as nossas limitações, desde que nos incentivem a converter-nos e a recorrer à Sua ajuda.

Mais uma vez, o cristão encontra um ponto de apoio na primeira resposta de Jesus ao jovem: só Deus é bom[28]. Da bondade de Deus vivemos os seus filhos. Ele dá-nos a força para orientar toda a nossa vida para o que é verdadeiramente valioso, de compreender o que é bom e querê-lo, de dispor de nós mesmos com vista à missão que Ele nos confiou.

J.M. Barrio – R. Valdés

[Voltar ao índice](#)

[1] *Mc* 10, 17.

[2] *Mc* 10, 18.

[3] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor* (6-VIII-1993), n. 9. Cfr. *Mt* 22, 37.

[4] *Mt* 19, 17.

[5] Cfr. *Mc* 10, 20.

[6] *Mt* 19, 18.

[7] *Mt* 19, 18-19.

[8] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 13.

[9] Cfr. *In Ioannis Evangelium Tractatus*, 41, 9-10 (cit. em *Veritatis splendor*, n. 13).

[10] *Mc* 10, 21.

[11] *Mc* 10, 21.

[12] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 337.

[13] *Mt* 19, 17.

[14] *Sl* 118 (119), 32.

[15] *Gl* 5, 1

[16] *Jo* 17, 3.

[17] S. João Paulo II, Enc. *Veritatis splendor*, n. 16.

[18] *Rm* 12, 2.

[19] *Rm* 12, 2.

[20] S. Josemaria, *Caminho*, Ao leitor.

[21] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 93.

[22] Bento XVI, Enc. *Spe salvi* (30-XI-2007), n. 49.

[23] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 31.

[24] *Mc* 10, 21.

[25] Cfr. *Gl* 5, 16.

[26] *Rm* 7, 15.24

[27] *2 Cor* 12, 9.

[28] *Mt* 19, 17.

UMA VIDA EM DIÁLOGO COM OS OUTROS

“O forno prova os vasos do oleiro, e a prova do homem está na sua conversa. O fruto mostra como se cultivou uma árvore; do mesmo modo, a palavra, os pensamentos do coração humano”[1]. Uma nota essencial da maturidade pessoal é a capacidade de diálogo, uma atitude de abertura para os outros que se manifesta na cordialidade do trato e num sincero desejo de aprender de cada pessoa.

“Conhecer a outras pessoas, outras culturas, faz-nos sempre muito bem, faz-nos crescer (...). O diálogo é muito importante para a própria maturidade, porque na confrontação com outra pessoa, no confronto com as outras culturas, mesmo no confronto com as demais religiões, cresce-se: cresce, amadurece. Certamente, existe um perigo: se no diálogo nos fechamos e zangamos, pode-se discutir; é o perigo de discutir, e isto não está bem porque nós dialogamos para nos encontrarmos, não para discutir. E, qual é a atitude mais profunda que devemos ter para dialogar e não discutir? A mansidão, a capacidade de ir ao encontro das pessoas, de ir ao encontro das culturas, com paz; a capacidade de fazer perguntas inteligentes: ‘Porque é que pensas assim? Porque é que esta cultura faz deste modo?’ Escutar os outros e depois falar. Primeiro escutar, depois falar”[2].

Saber escutar

A Sagrada Escritura cobre de elogios os que sabem escutar, e, pelo contrário, desdenha da atitude dos que não prestam atenção aos outros. “Ouvido que escuta a repreensão sadia, habita entre os sábios”[3], diz o livro dos Provérbios; e o apóstolo Santiago aconselha “que cada um seja diligente para escutar, lento para falar e lento para a ira”[4]. Por vezes, os

hagiógrafos recorrem inclusive a uma fina ironia: “falar a quem não escuta, é como despertar alguém de um sono profundo”[5].

Um problema frequente para escutar é que, enquanto outro fala, recordamos algo que tem que ver com o que nos conta, e estamos pendentes de dizer “a nossa” logo que haja uma pausa. Produzem-se então conversas, talvez, animadas, em que se retira a palavra uns aos outros, mas em que se escuta pouco.

Outras vezes, o problema é que a conversa não surge de modo espontâneo e é preciso pôr empenho em procurá-la, com inteligência. Nesses casos, tem de se evitar a presunção, ou seja, a tendência para mostrar, a cada momento a nossa agudeza ou os nossos conhecimentos; pelo contrário, convém mostrar-se aberto e recetivo, desejoso de aprender dos outros, de modo que ampliemos todos os dias o nosso leque de interesses. Deste modo escutaremos com atenção coisas que, talvez, inicialmente não nos interessavam demasiado, sem que isso implique hipocrisia da nossa parte, trata-se muitas vezes de um esforço sincero por se sobrepor ao próprio critério e para agradar e aprender.

Saber conversar requer conjugar a audácia com a prudência, o interesse com a discrição, o risco com a oportunidade. É preciso não cair na ligeireza, estar disposto a retificar palavras precipitadas ou inoportunas que nos possam ter escapado, ou uma afirmação um pouco categórica que deveríamos ter ponderado melhor. Em todo o caso, as boas conversas deixam sempre rasto: vêm depois de novo à memória as ideias, os argumentos expostos por uns e por outros, surgem novas intuições e nasce o entusiasmo de continuar esse intercâmbio.

Abertura aos outros

É chamativo comprovar como o espírito de algumas pessoas envelhece prematuramente e, pelo contrário, outras permanecem jovens e decididas até ao fim dos seus dias. Há que pensar que todos temos dentro muitos recursos ainda por utilizar, talentos que não aproveitámos, forças que nunca pusemos à prova e, por muito ocupados ou cansados que estejamos, não podemos deixar de avançar, de aprender e de ser recetivos às ideias dos outros.

Convém que saiamos de nós próprios; que nos abramos a Deus e, por Ele, aos outros. Superaremos então esse egocentrismo que às vezes leva a acomodarmo-nos à realidade, à estreiteza dos nossos interesses ou à nossa particular visão das coisas e estaremos mais em guarda diante de certas deficiências que criam distâncias com as pessoas e que, portanto, revelam imaturidade: expressarmo-nos de uma forma categórica que muitas vezes não corresponde ao nosso conhecimento das coisas; manifestar as nossas opiniões com um tom de censura para com os outros; servirmo-nos de soluções prefabricadas ou de conselhos repetitivos e triviais; irritar-nos quando alguém não pensa como nós, ainda que depois nos manifestemos a favor da diversidade e da tolerância; encher-nos de ciúmes quando alguém sobressai á nossa volta; exigir a outros um nível de perfeição que os ultrapassa e que talvez nós próprios não atinjamos; pedir sinceridade e franqueza, quando, pelo contrário, talvez resistamos às correções.

Maturidade e sentido crítico

Quando olhamos os outros com afeto, muitas vezes apercebemo-nos de que podemos ajudá-los com um conselho de amigo; dir-lhes-emos com confiança o que outros talvez também tenham visto mas não tiveram a lealdade de lho comentar. Só esse fundamento, a caridade, faz com que a correção ou a crítica seja verdadeiramente útil y construtiva: “quando tenhas que corrigir, fá-lo com caridade, no momento oportuno, sem

humilhar..., e com vontade de aprender e de melhorar tu próprio naquilo que corriges”[6].

A chave da nossa capacidade de fazer mudar os outros está, de certa maneira, ligada à nossa capacidade de mudarmos nós próprios. Quando se sabe o que custa melhorar, o difícil que é e, ao mesmo tempo, o importante e libertador que é, então é mais fácil observar os outros com certa objetividade e ajudá-los realmente. Quem sabe dizer as coisas claras a si próprio, sabe como e quando dizê-las aos outros e é também capaz de as escutar com boa disposição.

Saber receber e aceitar a crítica é prova de grandeza espiritual e de profunda sabedoria: “Quem ama a instrução, ama o saber, e quem detesta a correção torna-se um imbecil”[7]. No entanto, aceitar o que os outros nos dizem não implica viver sempre penderes da crítica na nossa vida profissional ou social, balouçando ao som do que se diga ou deixe de se dizer sobre o que fazemos ou somos, porque essa preocupação acabaria por ser patológica. Por vezes, aquele que faz bem as coisas pode ser bastante criticado; censuram-no talvez os que nada fazem, porque vêem a sua vida e o seu trabalho como uma acusação[8]; ou aqueles que agem de modo contrário, porque o consideram um inimigo; ou às vezes também os que fazem as mesmas coisas ou parecidas, porque ficam com ciúmes. Não faltam casos assim, em que há que fazer-se “perdoar” por aqueles que nada fazem e pelos que não concebem que se possa fazer nada bom sem contar com eles. Nesses casos, como nos aconselhava o nosso Padre, “temos que saber calar, rezar, trabalhar, sorrir... e esperar. Não deis importância a essas insensatezes: amai de veras todas essas almas. Caritas mea cum omnibus vobis in Christo Iesu”[9]!

A responsabilidade de dar exemplo

A maturidade combina a abertura aos outros com a fidelidade ao próprio caminho e aos próprios princípios, mesmo quando quase não se encontra eco ou aceitação no próprio ambiente. É verdade que a indiferença de que nos apercebemos à nossa volta pode indicar-nos que também nós talvez tenhamos algo que mudar ou, pelo menos, que explicar ou apresentar melhor. Mas há algumas coisas que nunca devem mudar em nós, aconteça o que acontecer, escutem-nos ou não, louvem-nos ou insultem-nos, agradeçam-no ou rejeitem-no, aprovem-no ou reprovem-no: “esse contraste, ao confirmar com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que te peço”[10].

Não é raro que uma pessoa se sinta sozinha e sem apoio nalguns dos seus melhores empenhos. A tentação de desistir pode ser muito forte. Poderá parecer-lhe, então, que o seu exemplo ou o seu testemunho não servem para muito, mas não é assim; um fósforo aceso talvez não ilumine toda a sala, mas todos na sala o podem ver. Talvez haja muitas pessoas que se sintam incapazes de imitar esse exemplo, mas sabem que querem segui-lo na medida em que possam, e esse testemunho puxa-os para cima.

Todos recordamos como nos ajudou a melhorar o bom exemplo de tantas pessoas. E, no entanto, é provável que muitas delas saibam muito pouco acerca do seu real efeito sobre nós. É grande a responsabilidade que temos de influir positivamente nos outros. “Não podes destruir, com a tua negligência ou com o teu mau exemplo, as almas dos teus irmãos os homens”[11]. Devemos falar, aconselhar, exortar, animar mas, sobretudo, procurar que as nossas palavras estejam avalizadas pelas nossas obras, pelo testemunho da nossa própria vida. É impossível consegui-lo sempre, e mesmo na maioria das vezes, mas temos que querer ser uma ajuda para todos, e saber pedir perdão do coração se demos mau exemplo.

Uma luta de toda a vida

A abertura aos outros vai muito unida ao nosso avanço numa tarefa que nos ocupará toda a vida: reconhecer o rosto da soberba e lutar por ser mais humildes. A soberba mete-se pelos resquícios mais surpreendentes da nossa relação com os outros. Se se nos mostrasse de frente, o seu aspeto seria repulsivo e, por isso, uma das suas estratégias mais habituais é ocultar o rosto, disfarçar-se. A soberba costuma esconder-se dentro de outra atitude aparentemente positiva, que a contamina subtilmente. Depois, quando se torna forte, crescem as suas manifestações mais simples e primárias, próprias da personalidade imatura: a suscetibilidade enfermiça, o contínuo falar de si próprio, a vaidade e afetação nos gestos e no modo de falar, as atitudes prepotentes ou presunçosas, juntamente com o decaimento profundo ao aperceber-se da sua própria debilidade.

A soberba umas vezes disfarça-se de sabedoria, daquilo que poderíamos chamar uma soberba intelectual que toma a aparência de rigor. Outras, oculta-se atrás de um apaixonado desejo de fazer justiça ou de defender a verdade quando, no fundo, há sobretudo um sentimento de vingança, ou uma ortodoxia altiva que avassala: um afã de precisar tudo, de julgar tudo. Trata-se de atitudes que, em lugar de servir a verdade, se servem dela – de uma sombra dela – para alimentar o desejo de ficar acima dos outros.

Do mesmo modo que não existe a saúde total e perfeita, tão pouco podemos acabar por completo com as argúcias da soberba. Mas podemos detetá-la melhor e não deixar que ganhe terreno. Haverá ocasiões em que nos enganará, porque tende a entrincheirar-nos, faz-nos reticentes a que os outros nos façam ver os nossos defeitos. Mas se nós não vemos o seu rosto, oculto de diversas maneiras, talvez os outros o tenham podido ver. Se somos capazes de escutar a advertência fraterna, a crítica construtiva, ser-nos-á muito mais fácil desmascará-la. É preciso ser humilde para aceitar a

ajuda dos outros. E é também necessário ser humilde para ajudar os outros sem humilhar.

A maturidade cifra-se, afinal, no “são preconceito psicológico” de pensar habitualmente nos outros”[12]. A personalidade que Deus quer para nós – e a que todos aspiramos, ainda que às vezes a procuremos noutra parte – é a de quem chegou a ter “um coração que ama, um coração que sofre, um coração que se alegra com os outros”[13].

Alfonso Aguiló

[Voltar ao índice](#)

[1] Si 27, 6-7.

[2] Francisco, Discurso, 21-VIII-2013.

[3] Pr 15, 31.

[4] St 1, 19

[5] Si 22, 8.

[6] Forja, n. 455.

[7] Pr 12, 1.

[8] Cfr. Sb 2, 10-20.

[9] S. Josemaría, Carta aos seus filhos da Holanda, 20-III-1964 (Cfr. Vázquez de Prada, A. El Fundador del Opus Dei (III), Madrid: Rialp, 2003, p. 530.

[10] Caminho, n. 80.

[11] Forja, n. 955.

[12] Forja, n. 861.

[13] Francisco, Discurso, 17-VI-2013.

CRESCER: UM PROJETO EM FAMÍLIA (I)

Ninguém vem ao mundo por acidente; cada pessoa vale muito, vale tudo. O valor da vida aprende-se, sobretudo, na família, lugar propício para a formação da personalidade.

Como é parecida com a mãe! O mesmo sorriso, o movimento das mãos enquanto fala... até o modo de andar... Muitas vezes ouvimos ou fazemos comentários deste tipo. Porque, efetivamente, são muitos os modos que copiamos da personalidade dos nossos pais e irmãos, quase sem darmos por isso. Algumas características são herdadas, como a cor dos olhos ou o temperamento, o modo de ser. No entanto, muitas outras, formaram-se no contacto pessoal, no convívio diário, na formação que recebemos: na vida.

Os aspetos da maturidade pessoal que foram abordados nos artigos desta série semeiam-se e germinam precisamente no contexto familiar. Por isso, como é importante cuidar da família! É, deve ser, a boa terra em que se inicia, se desenvolve e termina, o nosso caminho: «em todas as fases da vida, em cada situação e condição social, somos e permanecemos filhos»[1].

A oração de muitas pessoas derrama-se, de todos os lares do mundo, sobre os padres sinodais para que, unidos ao Papa e com as luzes do Espírito Santo, interpretem profundamente os desafios que a família enfrenta. Mas a responsabilidade pela instituição familiar, querida por Deus, compete-nos a todos, seja como pais ou irmãos... seja, ao mesmo tempo e sempre, como filhos. Vamos considerar o nosso papel no lar em dois artigos. No primeiro, refletiremos sobre o que torna única a família, e sobre

a “função” dos pais e dos filhos. No segundo, examinaremos a vida familiar e os aspetos que a enchem de luz e de alegria.

Cada um tem a sua história, a marca que deixaram na sua vida muitas situações, alegres ou dolorosas. Também o nosso passado se enquadra nos planos de Deus, que às vezes são misteriosos para nós. Há lares onde faltou um exemplo cristão, embora mais cedo ou mais tarde a figura de Cristo acabou por se insinuar num amigo, num parente ou num professor. Noutras famílias, o amor e o esforço por educar na fé, misturam-se com os defeitos e limitações dos pais e irmãos.

Não escolhemos os nossos familiares, foi Deus quem os escolheu. Ele contava, para fazer-nos cristãos, não só com as suas virtudes, mas também com os seus defeitos: «E, na família – disto todos somos testemunhas - os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que “deveria ser”»[2].

Todos – avós, pais, filhos, netos – estamos chamados a dar, em cada momento, o melhor de nós próprios com a ajuda de Deus, para dar forma cristã à família. Também os pais crescem com os filhos e, à medida que passam os anos, os papéis na família podem mudar. Quem antes puxava, agora é levado, quem ia à frente deixa o seu lugar aos que vêm atrás. O lar, que entre todos formam, é muito mais do que o primeiro recurso para as necessidades elementares de nutrição, calor e vestuário. É, junto com isso tudo, o espaço em que se descobre a beleza dos autênticos valores humanos; do domínio de si e do respeito - tão necessário para as relações interpessoais - [3]; da responsabilidade, da lealdade, do espírito de serviço. Valores, todos eles, que se forjam em fogo lento, que requerem um simples mas forte sentido de pertença: a consciência de não ter sido simplesmente lançados no

mundo, mas acolhidos desde o princípio numa pequena porção do mundo, não feita de terra mas de amor: uma família.

O próprio Deus «quis nascer numa família humana, que Ele mesmo formou. Forjou-a num longínquo povoado da periferia do Império romano (...). E poder-se-ia dizer: "Mas este Deus que vem para nos salvar perdeu trinta anos ali, naquela periferia de má fama?" Perdeu trinta anos! Ele quis que fosse assim. O caminho de Jesus era no seio daquela família»[4].

Centenas de vezes por minuto renova-se na terra o que aconteceu também connosco, quando vimos a luz: «a alegria de um ser humano ter vindo ao mundo»[5]. Somos, sim, mais um entre tantos que nasceram no mesmo dia que nós... E, no entanto, somos irrepetíveis e amados desde a eternidade. «Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»[6].

Ninguém chega ao mundo por acidente; cada pessoa vale muito, vale tudo. Até quem, talvez, não tenha conhecido os seus pais, ou foi adotado por uma família. «Cada alma é um tesouro maravilhoso; cada homem é único, insubstituível. Cada um vale todo o sangue de Cristo»[7]. Devemos muito aos nossos pais! Quem quer que sejam, com os seus defeitos e as suas dificuldades. Sabem tudo o que Deus espera deles, e esforçam-se por responder ao chamamento suave mas exigente: «era menino ainda não nascido, e Me acolhestes, permitindo-Me nascer; era criança abandonada e fostes para Mim uma família; era órfão e Me adotastes e educastes como um filho vosso»[8].

Às poucas semanas de vida dos seus filhos, as mães sabem já distinguir elementos do temperamento: características do choro, do sono, da fome... Vem depois o primeiro sorriso, que é como que o nascimento da personalidade e, ao mesmo tempo, um dos primeiros sinais perceptíveis da

imitação, tão evidente nas crianças, de tudo o que veem. Os pais proporcionam segurança aos filhos. É expressivo o gesto tão vulgar do miúdo que abraça as pernas do pai ou da mãe, quando chega um estranho. Partindo desse ponto seguro, a criança aprende a mexer-se e a sair de si mesma, explora o mundo e abre-se aos outros.

Ainda que não estejamos inteiramente determinados pelas circunstâncias do nosso nascimento e educação, é decisivo para o crescimento harmónico da personalidade, que os filhos se saibam amados pela família desde o primeiro momento, para depois amarem os outros. O afeto e os cuidados – que incluem a exigência e fortaleza para ir limando o egoísmo para que todos tendemos – ajudá-los-ão a compreender o seu próprio valor e o dos outros. O amor carinhoso e forte dos pais dá-lhes a autoestima que lhes permitirá amar, sair de si mesmos.

Os laços de amor que nascem numa família cristã não se desintegram nem com o fim da vida. Se alguém perde os seus pais nos primeiros anos, a fé faz-lhe ver o próprio Jesus, Santa Maria ou São José, fazendo as suas vezes já na terra, em muitas ocasiões através de outras pessoas de grande coração. Seguindo os passos desta Sagrada Família, procuramos ser muito humanos e muito sobrenaturais[9] e mantemos a esperança de que um dia sucederá o que escreveu santa Teresa: «Parecia-me estar metida no céu, e as primeiras pessoas que lá vi foram o meu pai e a minha mãe»[10].

«Mãe, gostavas de fazer as refeições? Lavar a roupa? Limpar a casa? Levar-nos à escola?...» Este interrogatório de uma filha à sua mãe, já idosa, recorda à boa mulher aqueles momentos em que as coisas não corriam bem, o cansaço com os trabalhos do lar, os apertos económicos e as preocupações pelas febres altas que atacavam os seus filhos, no inverno... E nalgum prato que atirou contra a parede nalgum momento de impaciência... E responde,

lacónica: «gostar..., não muito, mas amava-vos e vibrava vendo-vos crescer». Quantas mães e pais se comportam assim! A muitos seria preciso dar-lhes um prémio, comenta o Papa, pois aprenderam «a resolver uma equação que nem os grandes matemáticos sabem solucionar: em vinte e quatro horas fazem caber o dobro! (...) De vinte e quatro horas fazem quarenta e oito: não sei como fazem mas movimentam-se e fazem-no»[11]!

Uma família, não perfeita, mas harmoniosa, distingue bem a identidade de cada um dos seus membros. Os pais têm autoridade, mas não a impõem. Não têm como meta domesticar as crianças, mas guiá-las para que desenvolvam as suas potencialidades, com a luz e o exemplo do seu carinho. São responsáveis pelo ambiente da família tanto o pai como a mãe, e para cada um, a entrega ao outro e aos filhos, converte-se num caminho de crescimento pessoal.

O convívio familiar também ajuda a descobrir alguns talentos nos quais talvez não se tinha reparado, mas que os outros valorizam: a capacidade de ternura, a fortaleza de ânimo, o bom humor, etc. O amor à própria família faz com que, mesmo no meio das dificuldades, cada um puxe pelo seu melhor, pelo lado positivo do próprio carácter. E quando, por cansaço ou tensão, saia o pior de si mesmo, será o momento de pedir perdão e recomeçar. «Reconhecer que errámos e desejar restituir o que tirámos - respeito, sinceridade, amor - torna-nos dignos do perdão. É assim que se impede a infeção (...). Muitas feridas dos afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: «Desculpa»[12].

A mulher poderá descobrir que as suas qualidades como mãe, são insubstituíveis. O empenho por ser fiel a Deus nesta missão, levá-la-á a criar um ambiente acolhedor e apto para o crescimento pessoal, para o carinho e o respeito, para o sacrifício e o dom de si mesmo. «A mulher está

chamada a levar à família, à sociedade civil, à Igreja, algo característico, que lhe é próprio e que só ela pode dar: a sua delicada ternura, a sua generosidade incansável, o seu amor pelo concreto, a sua agudeza de engenho, a sua capacidade de intuição, a sua piedade profunda e simples, a sua tenacidade...»[13].

Também o pai se apresenta como guia diante dos seus filhos: ajuda-os a crescer, brinca com eles e deixa que se desenvolva o modo de ser de cada um. Um pai cristão sabe que a sua família será sempre o seu principal negócio, no qual se realiza em todas as suas dimensões. Por isso é preciso que esteja prevenido ante os ritmos de vida demasiado intensos e *stressantes*, que ofuscam a vista para os objetivos mais importantes, e podem levar, precisamente por isso, a desequilíbrios psíquicos e a uma animosidade nas relações familiares.

Por isso é importante que os pais estejam próximos – a sua ausência causa múltiplos problemas – e que fomentem sempre o orgulho de transmitir aos filhos a sabedoria do coração[14]! Num lar «luminoso e alegre»[15], o pai vive e dá a sua paternidade, a mãe vive e dá a sua maternidade: qualidades complementares e insubstituíveis, capazes de satisfazer o coração. E isto, independentemente do número de filhos que Deus envie ao matrimónio. E, se os filhos não chegam, podem exercer uma paternidade e uma maternidade espiritual, com outros membros da família e outros amigos.

«Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo»[16]. A estrutura básica dos povos, a paz das nações, apoia-se na entrega livre, por amor, do homem e da mulher; na sua fidelidade a um sim que marca as suas vidas para sempre.

Hoje há uma grande fome de aventuras. A oferta é múltipla: há as propostas mais variadas, intensas, breves, apaixonantes, como uma imersão no oceano, uma incursão ao teto do mundo ou um salto no vazio. O compromisso definitivo tem cores menos chamativas, mas sempre suscita admiração, porque estamos feitos para amar sempre, e no fundo tudo o resto nos sabe a pouco. Um amor que não fosse para sempre, um sim com letra pequena, não seria amor.

Na vida familiar é preciso suportar tempestades e crises, mas a fidelidade ao sim, que fundou o lar, pode ser sempre mais forte que todas elas: «o amor é forte como a morte»[17]. Grandes causas fazem suportar grandes dificuldades. E aqui os motivos, não são apenas uma ideia ou uma instituição: são, sobretudo, pessoas. O sim do amor, chega tão dentro do nosso ser, que não podemos negá-lo sem nos dilacerarmos.

É evidente que qualquer grande projeto traz consigo um grande risco, e muitos jovens de hoje não se atrevem a dar o sim, para sempre, com medo de se enganar. Mas de facto é um erro ainda maior ficar às portas do amor para o qual está chamado o nosso coração. Por isso, é preciso dar firmeza ao coração, fazê-lo crescer: é esse o sentido cristão do namoro, «um percurso de vida que deve amadurecer como a fruta (...) um caminho de maturação no amor, até ao momento que se torna matrimónio»[18]. O melhor treino para esse sim e o melhor teste da sua solidez, é a capacidade de esperar, que a Igreja não se cansa de pedir aos noivos, embora às vezes não se compreendam plenamente os seus motivos: «Quem pretende tudo e imediatamente, depois também cede em tudo - e já - na primeira dificuldade (...). O namoro focaliza a vontade de preservar juntos, algo que nunca deverá ser comprado ou vendido, atraído ou abandonado, por muito aliciadora que seja a oferta»[19].

Os filhos aprendem com pais que guardam juntos esse amor. Estes são os lares que dão os melhores cidadãos, dispostos a sacrificar-se pelo bem comum: trabalhadores honestos nos assuntos próprios e alheios, professores entusiastas, políticos coerentes, advogados justos, médicos abnegados, cozinheiros que fazem de cada prato uma obra de arte... Nesta sombra crescem novas mães e pais fiéis, e muitos que se entregam a Deus completamente, para servir a família humana comum, numa vocação onde brilham também a maternidade e a paternidade.

Com o passar do tempo a aventura continua, as paredes ficam pequenas, surgem novos lares, novos amores. Renasce o entusiasmo, a alegria de viver. Existe por isso «um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações (...). A alegria dos filhos faz palpitar o coração dos pais e reabre o porvir»[20].

Wenceslao Vial

[Voltar ao índice](#)

[1] Francisco, *Audiência*, 18-III-2015.

[2] Francisco, *Homilia*, 6-VII-2015

[3] Cf. S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, 22-XI-1981, 66.

[4] Francisco, *Audiência*, 17-XII-2014.

[5] *Jo* 16, 21.

[6] Bento XVI, Homilia no solene início do ministério petrino, 24-IV-2005.

[7] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 80.

[8] S. João Paulo II, *Carta às famílias*, 2-II-1994, 22.

[9] Cfr. *Forja*, 290.

[10] S. Teresa, Livro da vida, cap. 38.

[11] Francisco, *Audiência*, 26-VIII-2015.

[12] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

[13] *Temas Atuais do Cristianismo*, 87.

[14] Cf. Francisco, *Audiências*, 28-I-2015 e 4-II-2015.

[15] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 78.

[16] Francisco, *Audiência*, 18-II-2015.

[17] *Ct* 9,6.

[18] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[19] Francisco, *Audiência*, 27-V-2015.

[20] Francisco, *Audiência*, 11-II-2015.

CRESCER: UM PROJETO EM FAMÍLIA (II)

Crepita o fogo na lareira durante uma interessante conversa sobre uma batalha antiga. Um dos interlocutores tem então uma saída surpreendente: «Creio que há vitórias tranquilas e batalhas e grandes sacrifícios próprios e atos de nobre heroísmo - mesmo em muitas das suas frivolidade aparentes e contradições - não menos difíceis de conseguir, que não são noticiadas, nem há público que assista, mas que se realizam todos os dias nos mais afastados recantos, nas pequenas famílias e nos corações de homens e mulheres. Qualquer um destes poderia reconciliar o homem mais exigente com o mundo e enchê-lo de fé e de esperança nele»[1].

O futuro do mundo não se forja apenas nas grandes decisões internacionais, por cruciais que possam ser; decide-se sobretudo na contenda quotidiana, no «amor paciente»[2] que é o trabalho discreto de avós, pais e filhos. O projeto de crescer – um crescer, sobretudo «para dentro»[3] - que acompanha cada pessoa ao longo da sua vida, é necessariamente um trabalho de equipa, todos juntos, ao passo de Deus e com o impulso do Seu sopro nas velas da alma.

Respirar um mesmo ar

Numa família em que se respira ar cristão, compartilham-se tarefas, preocupações, triunfos e fracassos. Tudo é de todos e, ao mesmo tempo, respeita-se o que é de cada um: ensina-se aos filhos a serem eles mesmos, mas sem se isolarem nos próprios gostos e preferências. No lar valorizam-se as coisas que unem, que são como o ar que permite a cada um respirar com gosto, encher os pulmões e desenvolver-se.

Na tarefa de manter o ar de família todos são importantes, até os mais jovens. Por isso, convém ir dando aos filhos pequenas responsabilidades, de acordo com a sua idade, que os levem a sair de si mesmos, a descobrir que a casa funciona porque todos colaboram: regar uma planta, pôr a mesa, fazer a cama e ordenar o próprio quarto, cuidar de um irmão mais pequeno, ir às compras... Pouco a pouco faz-se com que eles participem nas decisões. Os planos familiares não se impõem, sem mais; antes são-lhes apresentados de modo atraente. Assim, ninguém fica isolado e forjam-se formas de ser abertas, generosas, com preocupação pelo mundo e pelas outras pessoas.

O afeto leva a harmonizar as vidas, a compartilhar com os outros os novos capítulos da própria «série». Ajuda muito ter momentos de descanso em comum, atividades que unem e que permitem usufruir de tantas coisas boas. Quando surge a dor, a caridade – carinho sobrenatural – move-nos a compartilhar o peso: «Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo»[4]. Ninguém pode viver como estranho na própria casa; é imprescindível ter iniciativa, levantar o olhar e prestar atenção aos outros: gostos, planos, amizades, trabalho, preocupações... São coisas que requerem tempo, que é precisamente o melhor que um pai pode dar aos seus filhos e que os filhos podem dar aos seus pais.

Numa família cristã há também disciplina, mas amável; assim os filhos aprendem com gosto e pouco a pouco, com o exemplo dos mais velhos. A correção faz-se com bons modos, que refletem o afeto. Além disso, explicam-se os porquês e procura-se «não derramar sobre os outros o fel do nosso mau humor»[5]. Por vezes, é necessário ser especialmente claros, mas os pais não esquecem que as virtudes e os valores se fixam sobretudo quando os filhos os veem encarnados nas suas próprias vidas. A fortaleza, a temperança, o pudor, a modéstia, vividas no quotidiano, apresentam-se-lhes então como bens autênticos: são-lhes conaturais, como o ar que respiram.

Isto é especialmente válido para a formação da afetividade. Os pais que exteriorizam o seu carinho mútuo nos pormenores mais simples da convivência – embora sem manifestações de afeto que devem ficar na intimidade dos esposos – introduzem facilmente os filhos no mistério do amor verdadeiro entre um homem e uma mulher.

«Se eu tivesse de dar um conselho aos pais, dar-lhes-ia sobretudo este: que os vossos filhos vejam - não tenhais ilusões: desde crianças, veem tudo e julgam-no - que procurais viver de acordo com a vossa fé, que Deus não está só nos vossos lábios, está nas vossas obras; que vos esforçais por serdes sinceros e leais; que vos amais e os amais a eles realmente»[6].

Obrigado, por favor, desculpa

Num lar «luminoso e alegre»[7] há uma convivência simples e confiada. E simultaneamente, a proximidade não dá lugar à indelicadeza nem à grosseria. Todos temos defeitos, podemos falhar e ferir; mas possuímos a capacidade de passar por alto incompreensões ou equívocos, sem guardar rancor. Em qualquer nível, de pais para filhos, de filhos para pais ou entre irmãos, há que fixar-se no positivo, naquilo que une. Como em qualquer convivência, às vezes surgirão discussões ou zangas, mas vale a pena terminar o dia reconciliados: é o momento de levar à prática o ensinamento de Cristo de não pôr limites ao perdão[8]. Além disso, pedir perdão amadurece a própria alma e a do que recebe ou presencia um pedido de desculpa sincero. «Ouvi bem: esposa e esposo, brigastes? Filhos e pais, entrastes em forte desacordo? Não está bem, mas o problema não é este. O problema é quando este sentimento persiste inclusive no dia seguinte. Por isso, se brigastes, nunca termineis o dia sem fazer as pazes em família»[9].

Quem realmente ama, sabe compreender e desculpar; além do mais, necessita-o. E a partir da família, exporta-se para o mundo esse ambiente.

Para transformar a selva, comecemos pelo nosso jardim, pela «ecologia da vida de cada dia», que se manifesta «no nosso quarto, na nossa casa, no nosso lugar de trabalho e no nosso bairro»[10]. A família é «o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os diferentes aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família aprende-se a pedir licença sem submissão, a dizer obrigado como expressão de uma sentida valorização das coisas que recebemos, a dominar a voracidade ou a agressividade, e a pedir desculpa quando causamos algum dano»[11].

Esta atitude ajuda-nos a relativizar os problemas que podem surgir no convívio e a descartar a ideia de que noutras circunstâncias tudo seria mais simples. Costuma ser mais fácil julgar positivamente aqueles que não convivem connosco. Inclusive, alguém com uma psicologia equilibrada tende a idealizar o as coisas boas de amigos e conhecidos e, pelo contrário, a pôr em primeiro plano os defeitos e erros dos familiares mais próximos. No entanto, é necessário conhecer e remediar estes preconceitos! Nem o sorriso nem a amabilidade de quem vemos muito raramente, é sempre assim; nem aquele comentário brusco de um irmão ou irmã, depois de um mau dia ou uma má noite, reflete toda a sua forma de ser, ou indica a opinião que tem de nós. Além disso, é bom saber que quando há mais confiança com alguém é lógico que se esteja mais à-vontade e surjam mais facilmente desabafos, numa ou noutra direção. Parte do carinho consiste então em compreender[12]; em ser, se é necessário, pano de lágrimas.

As etapas do desenvolvimento, com as suas respetivas crises, são reptos que requerem paciência, porque a maturidade quase nunca se produz de repente. Em especial a adolescência, mais ou menos prolongada, afeta o ambiente do lar e por vezes traz discórdias e maior nervosismo nos mais velhos e nos mais pequenos. Mas passa o tempo e, se se enfrentou bem a

crise, a família sai fortalecida dela. As águas não só retornam ao seu curso, como ficam mais fortes e saudáveis.

É normal que, ao chegar à adolescência, os filhos necessitem de espaços de liberdade, de formar o seu próprio núcleo de amizades e de aprender a voar sozinhos. Os pais continuarão a ser o foco das atenções, embora a vitalidade juvenil não o queira aceitar. Por isso, é importante que não se mostrem apenas como a «autoridade», mas que fomentem também um trato amigável e cheio de confiança. Os pais animam a tomar decisões e alertam para os obstáculos. Assinalam tanto as rochas que se podem encontrar ao navegar, como o farol em direção ao qual vale a pena dirigir-se. E isto transmite-se mais com o exemplo do que com muitas palavras ou regras, ainda que, logicamente, algumas sejam necessárias.

Em todo o caso, há que confiar nos filhos, porque só num clima de confiança cresce a liberdade. É mesmo preferível, dizia S. Josemaria, que os pais «se deixem enganar alguma vez. A confiança que se põe nos filhos faz com que eles próprios se envergonhem de terem abusado, e se corrijam. Pelo contrário, se não têm liberdade, se veem que não se confia neles, sentir-se-ão levados a enganar sempre»[13].

Uma família que reza unida permanece unida

Na família, também se aprende a ter intimidade com Deus: aprende-se a rezar. Quanto apreciava S. Josemaria as orações que lhe ensinou a sua mãe! «Sem as mães, não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo»[14]. O habitual é que os pais ensinem os filhos a ler esta partitura. Não poucas vezes, no entanto, produz-se uma troca de papéis, e a Providência serve-se dos filhos para que o pai ou a mãe descubram a esplêndida melodia da fé.

Em muitas ocasiões, será possível e útil rezarem todos juntos, recordando que «a família que reza unida, permanece unida»[15]. A piedade transparente e sincera ilumina para dentro e para fora da casa, e vai-se entrelaçando serenamente com as demais ocupações diárias. Não importa que às vezes haja distrações: os filhos que andam de um lado para o outro, as múltiplas tarefas do lar... Quando pomos o que está da nossa parte, as distrações não geram desarmonias, mas ressoam também no Céu.

Dos pais fiéis surgem novos pais fiéis e também muitos que, aceitando o convite de Deus, seguem um caminho vocacional no celibato. Nem o amor a outra pessoa, nem o amor a Deus rivalizam com o afeto à nossa família, antes o aumentam. Sempre, em cada momento da vida, corre pelas nossas veias o mesmo sangue: estamos unidos, apesar de poderem mediar distâncias, compromissos e múltiplas obrigações. Um sinal de maturidade é precisamente a capacidade, que se aprende com o tempo, para harmonizar os deveres que provêm do próprio lar que formamos, com a cultura do carinho filial e fraterno à família de origem. Contamos com a sua oração para a nossa missão na vida, e nós apoiamo-los com a nossa oração. Não se trata de um mero prémio de consolação: «Um irmão ajudado pelo seu irmão, é como uma cidade fortificada»[16].

Do lar para a periferia

As grandes frentes da família não se esgotam em si mesma. Do mesmo modo que seria impossível desenvolver-se, centrando-se em si mesmo, a vida familiar cresce abrindo-se ao exterior. Um lar cristão tem, sim, umas portas que protegem a intimidade, que dão o ambiente adequado para o crescimento, mas que não asfixiam nem tapam os olhos.

Por isso, a solidariedade faz parte importante da missão das famílias cristãs. Sai-se assim, com criatividade, ao encontro dos mais necessitados,

procura-se o desenvolvimento da cultura e da educação para todos, o cuidado da Terra como casa comum... As carências são muito variadas e muitas vezes não coincidem com as prioridades que algumas ideologias ou grupos minoritários lançam para a agenda do mundo. Vimos exemplos excelentes em famílias que saem ao encontro de imigrantes sem teto; de famílias numerosas que recebem um novo filho; de pais que se sacrificam pelos seus e pelos dos outros, superando os apertos com heroísmo; de casais sem filhos, que dedicam a sua vida a ajudar outras famílias.

E o melhor é que «tudo fica em casa». Os primeiros a ganhar com estas iniciativas são os do próprio lar. E da casa para o mundo: a família, escola de amor gratuito e sincero, é «o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta»[17]. Quem cresceu com «o "são preconceito psicológico" de pensar habitualmente nos outros»[18] usufrui escutando, compreendendo, convivendo, resolvendo necessidades concretas dos seus irmãos os homens.

As famílias não estão sozinhas

O panorama das famílias, o seu papel na Igreja e no mundo, é empolgante. Ao mesmo tempo, a ninguém passam despercebidas as dificuldades que atravessam. Mas as famílias não estão sozinhas; muita gente boa dedica tempo e energias a ajudar os pais na sua tarefa de formação. Colégios, clubes juvenis e muitas outras iniciativas, são um suporte por vezes decisivo para o cuidado dos jovens e dos idosos. O apoio nas tarefas do lar, não exclusivas das mães, é outra coluna dos lares cristãos. Por isso, àqueles que dedicam a sua vida a transmitir a sua ciência e a sua experiência neste campo, dizia-lhes S. Josemaría que têm «mais eficácia educativa que muitos catedráticos da universidade»[19].

Que dizer, por último, quando apesar dos esforços fica a impressão de que se poderia ter feito mais? Quantos pais, que procuram educar o melhor possível os seus filhos, o melhor que souberam, os veem depois com problemas materiais e espirituais, com falta de fé ou com as vidas desorientadas. Além de continuar a aprofundar para prevenir e melhorar, se acontece esta situação, é altura de imitar o Pai da parábola, que sem forçar a liberdade do filho, sai ao seu encontro, disponível para o ajudar mal dê um sinal de querer corrigir-se[20]. É o momento de recorrer mais ao Céu, dizendo talvez: meu Deus, agora cabe-te a Ti. «Os pais devem ser pacientes. Muitas vezes nada se pode fazer, a não ser esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, generosidade e misericórdia»[21].

Wenceslao Vial

[Voltar ao índice](#)

[1] Dickens, Charles *The Battle of Life*.

[2] Francisco, *Homilia*, 27-X-2013.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, 294.

[4] *Gl* 6, 2.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 174.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 28.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, 78.

[8] Cfr. *Mt* 18, 21-22.

[9] Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

- [10] Francisco, Enc. *Laudato si'*, 147; cfr. *Audiência*, 13-V-15.
- [11] Francisco, Enc. *Laudato si'*, 213.
- [12] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, 463.
- [13] *Temas Atuais do Cristianismo*, 100.
- [14] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.
- [15] S. João Paulo II, Carta ap. *Rosarium Virginis Mariae*, 41.
- [16] *Pr* 18, 19.
- [17] Francisco, *Audiência*, 7-I-2015.
- [18] S. Josemaria, *Forja*, 861.
- [19] *Temas Atuais do Cristianismo*, 88.
- [20] Cfr. *Lc* 15, 20.
- [21] Francisco, *Audiência*, 4-II-2015.

MODA, ESTILO E FORMAÇÃO CRISTÃ

Falando sobre o Batismo, S. Paulo diz-nos que fomos regenerados pelas suas águas para «caminharmos numa vida nova»[1]. Viver de acordo com o Evangelho pressupõe deixar que a luz da fé renove a forma de olhar para as nossas próprias circunstâncias e fazer que a elevadíssima dignidade dos filhos de Deus seja o critério decisivo para as nossas escolhas pessoais. Descobre-se então que tudo, as coisas grandes e as pequenas, interessam ao nosso Pai Deus, e que a fé mexe com todas as dimensões da nossa vida. Por amor, é possível dar um estilo cristão a cada uma das áreas da nossa existência, também às que parecem mais materiais, como o podem ser as opções no estilo de vestir e de atuar, para que espelhem a novidade e a beleza do cristianismo.

A fé e o esplendor do corpo humano

Sem pretendermos ser exaustivos, consideraremos algumas funções e significados do vestuário. Antes de mais, destacam-se nele funções elementares como, por exemplo, a proteção das inclemências do tempo ou de outro tipo de agentes externos. Mas a roupa tem mais qualquer coisa do que a simples função utilitária, pois é também uma forma de revelarmos a nossa própria personalidade. A maneira como nos arranjamos configura a primeira imagem que mostramos aos outros e que, provavelmente, fará parte da recordação com que ficam de nós, mesmo que o encontro tenha sido breve. Isto explica também que o arranjo pessoal desempenhe funções sociais e que seja frequente, hoje em dia, o uso de uniformes e de adereços específicos para festas e eventos que seguem determinadas regras de etiqueta, etc., como mostra a existência de ‘dress codes’ para diversas situações sociais (trabalho, celebrações, desporto, etc.).

Por outro lado, o vestuário é um grande aliado para proteger a intimidade. O modo como as pessoas se arranjam, o corte da sua roupa, a disposição de acessórios são meios para manifestar as tendências da sua personalidade e canalizar a atenção para os aspetos mais humanos. Neste sentido, o vestuário adequado ajuda a que se respeite a liberdade pessoal sem expor a intimidade a olhares indiscretos, pois contemplar uma coisa é, de certo modo, possui-la.

A fé completa e eleva os raciocínios anteriores, com tudo o que nos ensina sobre a dignidade do corpo humano. O corpo é, de certa forma, o espelho da alma de cada pessoa e, portanto, reflete também a imagem de Deus[2]. Está chamado a ser morada do Espírito Santo: «o templo de Deus é santo e esse templo sois vós»[3], diz S. Paulo. Recentemente, o Papa Francisco recordou-nos como, a partir de uma correta valoração do corpo, o homem pode entrar numa relação harmoniosa com o resto da Criação: «A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum. Pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a Criação. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para que cada um se possa reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus Criador, e enriquecer-se mutuamente»[4].

Logo, fazer que a maneira de vestir manifeste o pudor e a modéstia não significa minimamente que se considere o corpo como coisa indigna ou indecente. É precisamente o reconhecimento do seu enormíssimo valor que faz com que uma determinada moda contribua, sem extravagâncias nem

infantilismos, para o respeito pela intimidade do corpo. Isto compreende-se melhor à luz da Revelação, que nos ensina como, depois do pecado, entra a concupiscência na natureza humana, e a partir dessa altura, as tendências naturais do homem e da mulher ficam marcadas por um certo caos. Perdeu-se a inocência no olhar e, como o então cardeal Ratzinger afirmava, «desapareceu no homem o esplendor de Deus e ele encontra-se agora no mundo desnudado e a descoberto, e tem vergonha»[5]. Perdeu-se o esplendor divino que era como que a «primeira veste» do homem e da mulher. O pudor é precisamente um remédio para essa desordem que o pecado introduziu, porque ajuda a que nos relacionemos de forma mais humana, respeitando delicadamente a corporeidade do outro e reconhecendo o seu valor inviolável.

Existe uma legítima diversidade e evolução dos costumes nas diferentes culturas, que exprimem o seu génio nas variadas criações de roupas e vestuários. A sua riqueza dependerá da forma como contribuem para reconhecer o valor insubstituível de cada pessoa. Por isso, será sempre necessário proteger a intimidade através do vestuário. De outro modo, dar-se-ia um grave empobrecimento que, caso se generalizasse, traria consigo uma espantosa decadência moral da sociedade. Sejamos realistas: mesmo que o sentido do pudor se anule, a concupiscência não desaparece, e há maneiras de se apresentar que incitam sempre a reações desrespeitosas e que são, no fim de contas, pouco humanas.

Um espaço para a formação

Há uma harmonia essencial entre a fé e a beleza, de modo que, como diz o Papa Francisco, «todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como um caminho que ajuda no encontro com o Senhor Jesus»[6]. Isto inclui também a linguagem, a boa educação, o arranjo pessoal, com as respetivas opções no vestuário e no estilo que manifestam a

nossa personalidade. A formação cristã influi neste campo, pois dirige-se a toda a pessoa: «não diz respeito apenas a uma parte da pessoa, mas a todo o seu ser. Tem de chegar igualmente ao entendimento, ao coração e à vontade»[7].

De facto, o bom gosto é uma coisa que, em si mesma, requer formação no sentido mais amplo do termo. Como diz o Papa, «prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Quando alguém não aprende a parar para perceber e valorizar o que é belo, não é estranho que tudo se torne para ele objeto de uso e de abuso sem escrúpulos»[8]. Ninguém nasce com o bom gosto já formado, porque é uma parte da educação que se recebe desde criança, através da contemplação da beleza na natureza – a sua diversidade e a sua ordem –, da apreciação de uma peça de música clássica, de uma escultura, etc.

Nem tudo depende das circunstâncias ou das opiniões, que vão mudando. Por isso é lógico balizar com clareza quando um produto, e o estilo de vida implícito que com ele se propõe, atentam diretamente contra valores como o pudor, o respeito, a sobriedade. Mas convém que os fundamentos morais que desaconselham uma determinada opção se exponham bem, com sentido positivo. E tudo isso será mais eficaz vindo de alguém a quem reconhecemos bom gosto. Não estamos condenados a um estilo obsoleto e enfadonho, pelo contrário, os valores cristãos são conaturais à autêntica beleza, e esta começa pelo mais interior.

Cada um pode cultivar um estilo próprio, que projete a alegria de uma alma que tudo referencia ao amor de Deus. Uma boa formação cristã ajuda muito, porque gera na pessoa uma estrutura interior sólida, própria da unidade de vida, que não depende do vaivém dos sentimentos, das opiniões dos outros, do desejo de auto-afirmação, da última aparição no mercado.

Alguns princípios da fé, como a filiação divina, a fraternidade cristã, o facto de o corpo estar destinado à glória da ressurreição, estão na base das opções e oferecem um critério para a avaliação das diferentes modas. Fomentam, ao fim e ao cabo, uma saudável autoestima, que conduz ao que S. Josemaria chamava o «complexo de superioridade» dos filhos de Deus, que atuam com segurança nas suas próprias escolhas, mesmo quando o ambiente é adverso.

Influência da moda na tarefa da Nova Evangelização

Promover uma moda digna, que não reduza a pessoa à sua dimensão corporal, é tarefa de grande transcendência. S. Josemaria sublinhava a importância de os cristãos trabalharem profissionalmente no campo da moda, e de levarem aí a mensagem do Evangelho. Uma das primeiras mulheres que seguiram o espírito de S. Josemaria lembra que as atividades relacionadas com a moda eram um dos campos apostólicos que ele lhes propunha. Ao abrir-lhes este panorama, acrescentava: «Perante isto, podem ter-se duas reações: uma, pensar que é muito bonito, mas quimérico, irrealizável; outra confiar no Senhor que, se nos pediu tudo isto, nos ajudará a realizá-lo. Espero que tenham esta segunda reação»[9]. Como acontece com qualquer outro trabalho evangelizador, a fecundidade depende da força da oração. E, ao mesmo tempo, é preciso trabalhar com altos níveis de profissionalismo.

Os trabalhos relacionados com a moda – o dos estilistas, costureiros, designers, consultores, etc. – feitos com seriedade e sentido sobrenatural tornam Deus presente, na medida em que exprimem a verdadeira beleza: tudo o que é autenticamente belo é um reflexo da beleza de Deus, dignifica a pessoa e leva-a a ser respeitadora consigo mesma e com os outros. Os estilos de vestuário, embora possam ser um produto cultural e efémero, são capazes de manifestar uma visão transcendente do ser humano, por terem

relação com o seu último fim, a glória de Deus. E não é só a alta-costura que reflete esta beleza, também a roupa simples do dia-a-dia, com a qual se pode fomentar o bom gosto, superar a grosseria e ajudar a criar um clima interior fecundo, no qual pode crescer uma vida cristã em plenitude.

A verdadeira moda contribui, como na parábola, para que a terra onde a semente do Evangelho cai fique preparada para dar frutos de santidade[10]. Liberta a alma do consumismo e do luxo excessivo que a escravizam às coisas materiais. Eleva o homem e a mulher acima da sensualidade e da impureza e torna-os mais sensíveis para a beleza autenticamente humana: não só a do corpo, mas também a da alma. Por isso, vale a pena procurar estilos que, sem desprezar o corpo, não o destaquem excessivamente, em detrimento da dimensão espiritual da pessoa, estilos que conduzam ao espírito, ao coração, à transcendência, partindo do material.

Nesta tarefa de criar uma moda atrativa com um tom genuinamente cristão, os profissionais da moda têm um papel especial. Contudo, talvez hoje mais do que nunca, contamos com inúmeros meios para que qualquer pessoa possa influir positivamente. Existem canais através dos quais os consumidores, também organizados numa frente comum, podem afirmar se um dado produto reflete ou não o estilo de vida que pretendem. E também perante alguém que, por descuido ou simples falta de bom gosto, pode melhorar na escolha das suas peças de vestuário, pode fazer-se um comentário delicado no momento oportuno. Habitualmente, e especialmente no âmbito de uma amizade sincera, todos agradecem serem ajudados para acertarem na sua imagem e apresentação exterior.

No contexto da Nova Evangelização, a importância singular deste campo anima a manter a esperança: «Não permitamos que caia no vazio o são desafio de fomentar que muitas pessoas e instituições, em todo o

mundo, promovam – animados pelo exemplo dos primeiros cristãos – uma nova cultura, uma nova legislação, uma nova moda, coerentes com a dignidade da pessoa humana e do seu destino à glória dos filhos de Deus em Jesus Cristo»[11]. Por mais árdua que possa parecer esta missão, não deixemos de a encarar com otimismo, «sabendo que o vosso trabalho não é em vão diante do Senhor»[12], já que o realizamos ao serviço da Igreja e de toda a sociedade.

Neil S. Walters

Voltar ao índice

[1] *Rm* 6, 4.

[2] Cf. *Gn* 1, 26-27.

[3] *1 Cor* 3, 17.

[4] Francisco, Enc. ‘*Laudato si*’, 24-V-2015, n. 155.

[5] Joseph Ratzinger, *Via Sacra*, 10ª estação, Sexta-feira Santa 25-III-2005.

[6] Francisco, Exort. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 167.

[7] S. Josemaria, *Carta 8-XII -1949*, n. 91.

[8] Francisco, Enc. ‘*Laudato si*’, 24-V-2015, n. 215.

[9] Citado em Andrés Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. II, Verbo, Lisboa 2002, p. 448.

[10] Cf. *Mt* 13, 8.

[11] Javier Echevarría, *Carta pastoral*, 29-IX-2012, n. 17.

[12] 1 *Cor* 15, 58.

COERÊNCIA: EDIFICAR A ORDEM INTERIOR

Quando Santo Agostinho, já idoso, escrevia «pax omnium rerum tranquillitas ordinis, a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem»[1], fazia-o a partir da experiência de quem levava anos a ver-se constantemente solicitado por todo o tipo de tarefas: o governo pastoral da porção do Povo de Deus que lhe estava confiado; a sua abundante pregação; os desafios que apresentava uma época convulsa, de mudanças sociais e culturais. Não é este, pois, um aforismo escrito no sossego do retiro, mas no fragor da vida diária, com todos os seus imprevistos e vaivéns. A coerência deste santo era uma conquista quotidiana; como passar dos dias, o seu esforço por “centrar o tiro” fortalecia cada vez mais o seu caráter.

Uma das notas da personalidade madura é a capacidade de conjugar o empenho numa atividade intensa com a ordem e a paz interior. Alcançar este equilíbrio implica certo esforço: também São Josemaría falava de sua luta neste campo. «Gostava de te ver dentro da minha batina! – dizia a uma pessoa que lhe falava das dificuldades que o trabalho lhe colocava para cuidar da sua formação – Porque também eu tenho pluriemprego. Sobre essa desordem temos que edificar a ordem»[2]. A ordem, a coerência da nossa vida, é um tesouro que vamos ganhando, moeda a moeda, na batalha de todos os dias: «esse começar pela tarefa menos agradável mas mais urgente (...), com perseverança no cumprimento do dever quando seria tão fácil abandoná-la, esse não deixar para amanhã o que temos que terminar hoje: Tudo para agradar ao Nosso Pai Deus»[3]!

O senhorio de si

Esta batalha serena não tem só que ver com as coisas que maneamos e as tarefas que enchem o nosso dia, mas também com o nosso coração. Sem

esse bater interior, a ordem seria apenas gestão do tempo, “otimização de processos”, eficácia empresarial, mas não demonstraria autêntica maturidade cristã. A coerência do cristão edifica-se num fluxo constante, de dentro para fora e de fora para dentro; cresce com o domínio de si, a ordem da atividade exterior, o recolhimento interior e a prudência.

Não podemos fugir dos obstáculos que existem para alcançar esta harmonia interior. Se bem apreciarmos o enorme atrativo de uma vida cristã plena, muitas vezes experimentamos tendências diversas e, às vezes, contrárias. São Paulo expressou-o com força: «eu encontro, pois esta lei: que o mal está em mim; porque me deleito na lei de Deus segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros uma outra lei que se opõe à lei do meu espírito»[4]. Sentimos uma coisa e queremos outra, notamos que estamos divididos entre o que nos apetece e o que devemos fazer e, por vezes, acaba por nos toldar a vista; então pode mesmo chegar a parecer-nos que, afinal de contas, também não acontece nada por sermos um pouco incoerentes, o que no fundo denota um amor vacilante.

E no entanto, como ecoa o elogio que nosso Senhor fez a Natanael! «Eis aqui um verdadeiro israelita em quem não há fingimento»[5]. Quem procura conduzir-se de acordo com a voz de Deus que ressoa na sua consciência, inspira espontaneamente um grande respeito; as pessoas de uma só peça atraem, porque tudo nelas fala de autenticidade. Pelo contrário, a vida dupla, as compensações – ainda que pequenas – a falta de sinceridade, fazem com que se nos turve o rosto da alma. Como todos estamos expostos a estes pequenos desvios de rumo, trata-se de que sejamos simples e os corriamos com perseverança; assim se evita o risco de acabar à deriva no alto mar da vida.

Para tocar a melodia de Deus

Ao pôr ordem no nosso interior não se trata apenas de que a nossa inteligência “domine” a imaginação e canalize a força dos sentimentos e afetos: tem que descobrir tudo o que estes companheiros de viagem podem e lhe querem dizer. Dito de outro modo, não podemos corrigir a dissonância suprimindo uma das melodias: Deus fez-nos polifónicos. O senhorio de si, também conhecido desde sempre como temperança, não é frieza cerebral: Deus quer-nos com um coração que seja «grande, forte e terno e afetuoso e delicado»[6].

Com o coração podemos tocar uma música para o Senhor. Se a queremos interpretar bem, convém pô-lo no tom, como se afinam os instrumentos para que dêem a nota adequada. Trata-se de educar os afetos, de fomentar uma sensibilidade pelo que é autenticamente bom, porque responde ao nosso ser pessoal, com todas as suas dimensões. Os sentimentos dão cor à nossa vida e permitem apercebermo-nos com maior riqueza do que sucede à nossa volta. No entanto, do mesmo modo que um quadro saturado de cores sem equilíbrio não é agradável, ou um instrumento desafinado é desagradável, o coração abandonado ao vaivém sentimental quebra a harmonia da nossa personalidade e corrói, por vezes de modo forte, as nossas relações com os outros.

São Josemaría aconselhava a pôr «sete ferrolhos»[7] no coração. Numa ocasião, explicava-o assim: «fecha-o com sete ferrolhos que eu recomendo, um para cada pecado capital. Mas não deixes de ter coração»[8]. A experiência acumulada de séculos, também nos lugares onde não chegou o cristianismo, mostra que os afetos e os instintos, sem controlo, podem arrastar-nos como as águas de uma inundação que semeia destruição por onde passa. Não se trata de anular a corrente, mas de fazer um trabalho parecido ao dos engenheiros que entubam a água que corre das torrentes das montanhas para que mova uma turbina e produza electricidade. Uma vez

canalizada a corrente - que poderia ter arrasado árvores e casas – todos podem viver tranquilos e aproveitar essa eletricidade para iluminar e aquecer as suas casas. Se o nosso espírito não consegue canalizar de maneira estável essas forças instintivas e afetivas da nossa natureza, não pode ter paz nem sossego: não pode existir vida interior.

Tomar as rédeas do nosso dia

Um passo importante para sermos senhores de nós próprios é o de nos sobrepormos à preguiça, um vírus silencioso mas eficaz, que nos pode paralisar pouco a pouco se não o mantemos sob controle. A preguiça tornar-se forte em quem não tem um norte, ou também em quem, tendo-o, não se decide a andar nessa direção. «Não confundas a serenidade com a preguiça, com o abandono, com o atraso nas decisões ou no estudo dos assuntos»[9]. Pôr a cabeça no que requer a nossa atenção, evitar fugir do que implique ou que suponha um pouco de esforço; não deixar para depois o que podemos fazer agora... sobre esses hábitos sim, constrói-se uma personalidade ágil, rija e serena.

Convém também estar atentos ao outro extremo, o ativismo desordenado: «Filho, não te ocupes em muitos assuntos; se te ultrapassam, não estarás sem culpa; por mais que corras não os alcançarás, e mesmo que fujas não te poderás livrar deles»[10]. Maturidade da personalidade significa aqui ponderação, ordem na nossa atividade. Para que a vida não nos arraste com as suas infinitas solicitações, bastar-nos-á tomar a iniciativa para distribuir as nossas atividades nos tempos adequados, quer dizer, planificar – sem nos quadricularmos – dando prioridade ao que deve estar em primeiro lugar e não ao que surge em cada momento. Assim evitamos que o urgente coma o importante. Logicamente, não é preciso programar tudo, mas sim evitar que o imprevisto conduza a perder tempo simplesmente porque nos dedicamos a ir ao ritmo do que nos ocorre durante o dia. Neste

sentido dizia São Josemaría que «é preciso ordenar-se porque não temos tempo de fazer tudo depois».

No nosso dia há alguns momentos chave que podemos fixar de antemão: a hora de deitar, a hora de levantar, os tempos que vamos dedicar exclusivamente a Deus, a hora de trabalhar, a hora das refeições... Depois vem todo o campo de fazer bem o que temos que fazer, com rendimento, atenção e perfeição, quer dizer, com amor. «Cumpre o pequeno dever de cada momento; faz o que deves e está no que fazes»[11]. Trata-se, no fim de contas, de um programa de santidade que não oprime, porque se ordena a um fim grande: fazer feliz a Deus e aos outros. Ao mesmo tempo, esse mesmo amor que nos move a reger-nos por um horário nos indicará quando o plano tem que “saltar”, porque o exige o bem de outras pessoas, ou por tantos outros motivos que se apresentam com clareza a quem vive cara a Deus.

A cultura do espaço interior

A interioridade é o centro vivo da pessoa, o que faz com que as suas forças, qualidades, disposições de ânimo e ações formem uma unidade. Quem é capaz de viver dentro de si, de recolher os seus sentidos e potências até sossegar a alma, desenvolve uma personalidade mais rica, porque é mais capaz de relação, de diálogo. «O silêncio – dizia Bento XVI – é parte integrante da comunicação e sem ele não existem palavras com densidade de conteúdo»[12].

Para não se limitar a nadar à superfície da vida, é preciso dedicar tempo a pensar o que nos aconteceu, o que lemos, o que nos disseram e sobretudo, as luzes que recebemos de Deus. Refletir alarga e enriquece o nosso espaço interior; ajuda-nos a integrar as diversas facetas da nossa vida – trabalho, relações sociais, lazer, etc. – com o projeto de vida cristã que realizamos

pela mão do Senhor. Este hábito implica aprender a entrar dentro da nossa alma, superando a pressa, a impaciência, a dispersão. Abre-se, assim, um espaço de meditação na presença de Deus: «Qual de nós, à noite, antes de terminar o dia, quando fica só, não se pergunta: o que sucedeu hoje no meu coração? O que aconteceu? Que coisas passaram pelo meu coração?»[13].

Esse sossego do espírito consegue-se quando cortamos com as tensões da vida e detemos as solicitações dos assuntos pendentes e a imaginação; quando detemos o ritmo da vida exterior e calamos tanto por fora como por dentro. Dessa maneira, os nossos conhecimentos e experiências adquirem profundidade, aprendemos a assombrar-nos, a contemplar, a saborear os bens do espírito, a escutar Deus. Com esta riqueza interior, quando saímos poderemos desfrutar mais ao comunicarmos com os outros, pois teremos algo pessoal, algo nosso, com que contribuir.

No silêncio, poderemos escutar a voz do Senhor. Quando Deus quer passar diante de Elias no monte Horeb, a Sagrada Escritura diz-nos que não estava na violência do furacão que partia as rochas, nem no susto do terramoto, nem no fogo que se seguiu, mas numa brisa que mal se notava[14]. Calar é formoso; não é nenhum vazio, mas vida autêntica e plena, se permite estabelecer um diálogo íntimo com Deus. «Um fio sonoro de silêncio: assim se aproxima o Senhor, com a sonoridade do silêncio que é própria do amor»[15].

A sabedoria de coração

«O sábio de coração será chamado prudente»[16]. A capacidade de recolhimento permite-nos assentar cada vez com mais profundidade os motivos que guiam a nossa vida. A coerência amadurece então como a fruta ao sol e verte-se em nós o licor de uma sabedoria que nos ajuda a acertar nas nossas decisões.

Nem sempre é necessário dar respostas imediatas ao que se nos coloca. A prudência, muitas vezes, levará a informar-se bem antes de ajuizar ou tomar uma decisão, porque com frequência as coisas não são como parecem à primeira vista. Uma pessoa madura caracteriza-se por estudar os assuntos com atenção, recorrer à memória de experiências passadas de temas parecidos e pedir conselho a quem esteja em condições de o dar. E, antes de mais nada, algo que para um cristão é muito natural, quase como um reflexo: pedir conselho a Deus: «não tomes uma decisão sem te deteres a considerar o assunto diante de Deus»[17]. Assim é mais fácil aplicar à situação concreta um juízo ponderado, sem ceder à ligeireza, ao comodismo, ao peso da vida passada ou à pressão do ambiente. E ter a valentia de tomar uma decisão – embora toda a decisão traga consigo um risco – e de a executar sem demoras, com a disposição de retificar, se mais tarde nos apercebemos de que nos equivocámos.

A coerência cristã – fruto de uma interioridade cultivada – põe-nos, afinal, em condições de nos entregarmos a um ideal e de perseverar nele. «Dá-me a tua graça para deixar tudo o que se refere à minha pessoa. Não devo ter mais preocupações que a tua Glória..., numa palavra, o teu Amor. Tudo por Amor!»[18].

José Benito Cabaniña – Carlos Ayxelà

[Voltar ao índice](#)

[1] Santo Agostinho, *De civitate Dei* XIX, 13.1.

[2] S. Josemaría, *Notas de uma reunião*, 23-XI-1972.

[3] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 67.

[4] *Rm* 7, 21-23.

[5] *Jo* 1, 47.

[6] *Amigos de Deus*, n. 177.

[7] S. Josemaría, *Caminho*, nn. 161, 188.

[8] S. Josemaría, *Notas de uma reunião*, Santiago do Chile, 30-VI-1974. Estes pecados “são chamados capitais porque geram outros pecados, outros vícios. Entre eles soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, preguiça” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1866).

[9] S. Josemaría, *Forja*, n. 467.

[10] *Si* 11, 10.

[11] *Caminho*, n. 815.

[12] Bento XVI, *Mensagem para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 24-I-2012.

[13] Francisco, *Homilia*, 10-X-2014.

[14] Cfr. *1 R* 19, 11-13.

[15] Francisco, *Homilia*, 12-XII-2013.

[16] *Pr* 16, 21.

[17] *Caminho*, n. 266.

[18] *Forja*, n. 247.

EMPATIA: SENTIR COM OS OUTROS

Todos experimentámos que, em muitas ocasiões, para assimilar bem o que sucede à nossa volta, não basta que se nos transmitam simplesmente dados objetivos. Por exemplo, se alguém interpreta uma peça musical para uns amigos, esperará ver como eles passam um tempo agradável ao ouvir a mesma melodia de que ele gosta tanto. Pelo contrário, se os amigos se limitassem a dizer que a execução tinha sido correta, mas sem mostrarem o menor entusiasmo, então viria seguramente o desânimo, juntamente com a sensação de que, na realidade, não se possui talento.

Quantos problemas se evitariam se procurássemos entender melhor o que sucede no interior dos outros, as suas expectativas e ideais. «Mais do que em “dar”, a caridade está em “compreender”»[1]. Para viver a caridade tem de se começar por reconhecer no outro alguém digno de consideração e colocar-se nas suas circunstâncias. Hoje costuma falar-se de empatia para nos referirmos à qualidade que facilita colocar-se no lugar dos outros, compreender a sua situação e ponderar os seus sentimentos. Unida à caridade, esta atitude contribui para fomentar a comunhão, a união de corações, como escreve São Pedro: «tende todos o mesmo pensar e o mesmo sentir»[2].

Aprender de Cristo

Desde o princípio, os discípulos experimentaram a sensibilidade do Senhor, a sua capacidade de se colocar no lugar dos outros, a sua delicada compreensão do que sucedia no interior do coração humano, a sua finura para perceber a dor alheia. Ao chegar a Naím, sem que haja uma palavra, compreende o drama da mulher viúva que perdeu o seu único filho[3]; ao escutar a súplica de Jairo e o rumor das carpideiras, sabe consolar um e

apaziguar os restantes[4]; tem consciência das necessidades dos que o seguem e preocupa-se se não têm que comer[5]; chora com o pranto de Marta e de Maria diante do túmulo de Lázaro[6] e indigna-se diante da dureza de coração dos seus quando querem que desça fogo do céu para queimar a aldeia dos samaritanos que não os tinham recebido[7].

Com a sua vida, Jesus ensina-nos a ver os outros de um modo diferente, partilhando os seus afetos, acompanhando-os nos seus anseios e desencantos. Aprendemos d'Ele a interessar-nos pelo estado interior dos que nos rodeiam e com a ajuda da graça superamos progressivamente os defeitos que o impedem, como a distração, a impulsividade ou a frieza. Não há desculpa para desistir deste empenho. «Não pensemos que vale alguma coisa a nossa aparente virtude de santos, se não estiver unida às comuns virtudes de cristãos. – Seria o mesmo que adornar-se com esplêndidas jóias sobre trajos menores»[8]. A proximidade com o Coração do Senhor ajudará a moldar o nosso de maneira que nos enchamos dos sentimentos de Cristo Jesus.

Caridade, afabilidade e empatia

«A caridade de Cristo não é apenas um bom sentimento em relação ao próximo: não se limita ao gosto pela filantropia. A caridade, infundida por Deus na alma, transforma a partir de dentro a inteligência e a vontade, fundamenta sobrenaturalmente a amizade e a alegria de fazer o bem»[9]. É bonito descobrir como os apóstolos, ao calor da sua relação com o Senhor, vão apaziguando os seus temperamentos, muito variados, que nalgumas ocasiões os levaram a manifestar-se pouco compassivos frente a outras pessoas. João, tão veemente que, com o seu irmão Tiago, mereceu o sobrenome de filho do trovão, mais tarde encher-se-á de mansidão e insistirá na necessidade de abrir-se ao próximo, de entregar-se aos outros como fez o próprio Cristo: «Nisto conhecemos o amor: em que Ele deu a

Sua vida por nós. Por isso também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos»[10]. Também São Pedro, que antes se tinha mostrado duro diante dos adversários de Jesus, dirige-se ao povo no Templo procurando a sua conversão, mas com palavras isentas de qualquer resquício de amargura: «Irmãos, sei que agistes por ignorância, bem como os vossos chefes. (...) Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, de modo que venham do Senhor os tempos da consolação»[11].

São Paulo oferece-nos outro exemplo, que depois de ter sido um terrível carrasco para os cristãos, converte-se e põe ao serviço do Evangelho o seu génio e o seu “génio”: a sua mente clara e o seu carácter forte. Em Atenas, embora o seu espírito ferva de indignação perante a presença de tantos ídolos, procura empatias com os seus habitantes. Quando tem ocasião de se lhes dirigir no Areópago, em vez de lhes atirar à cara o seu paganismo e depravação de costumes, apela à sua fome de Deus: «Atenienses, em tudo vejo que sois mais religiosos do que ninguém, porque ao passar e contemplar os vossos monumentos sagrados encontrei também um altar em que estava escrito: “Ao Deus desconhecido”. Pois bem, eu venho anunciar-vos Aquele que venerais sem conhecer»[12]. Nesta atitude, que sabe compreender e motivar, descobrem-se os traços excelentes de uma inteligência que integra e modula as suas emoções. Manifesta-se também a genialidade de uma pessoa que se apercebe da situação dos outros: escolhe um aspeto da sua sensibilidade, por mais pequeno que pareça, para sintonizar com os ouvintes, captar o seu interesse e levá-los para a verdade plena.

Caminhos para amar a verdade

Ao procurar ajudar os outros, a caridade e a mansidão guiar-nos-ão até às razões do coração, que costumam abrir as portas da alma com maior

facilidade do que uma argumentação fria ou distante. O amor de Deus impulsionar-nos-á a conservar um estilo afável, que mostre quão atrativa é a vida cristã: «A verdadeira virtude não é triste e antipática, mas amavelmente alegre»[13]. Saberemos descobrir o positivo de cada pessoa, pois amar a verdade implica reconhecer as marcas de Deus nos corações, por mais desfiguradas que pareçam estar.

A caridade faz com que, no convívio com amigos, colegas de trabalho, familiares, o cristão se mostre compreensivo com os que estão desorientados, às vezes porque não tiveram oportunidade de receber uma boa formação na fé, ou porque não viram um exemplo encarnado da autêntica mensagem do Evangelho. Mantém-se, assim, uma disposição de empatia também quando os outros estão enganados: «Não compreendo a violência: não me parece apta nem para convencer, nem para vencer; o erro supera-se com a oração, com a graça de Deus, com o estudo; nunca com a força, sempre com a caridade»[14]. Temos de dizer a verdade com uma paciência constante – «veritatem facientes in caritate»[15] – sabendo estar ao lado de quem talvez esteja confundido, mas que, com um pouco de tempo, se poderá abrir à ação da graça. Esta atitude consiste muitas vezes, como salienta o Papa Francisco, em «deter o passo, deixar de lado a ansiedade para olhar os olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar o que ficou ao lado do caminho. Às vezes é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando regresse, possa entrar sem dificuldade»[16].

Apostolado e comunhão de sentimentos

Alguns poderiam procurar reduzir a empatia a uma simples estratégia, como se fosse uma dessas técnicas que propõe um produto ao consumidor de tal modo que tema sensação de que isso era mesmo aquilo de que andava à procura. Embora isso possa ser válido no âmbito comercial, as relações

inter-pessoais seguem outra lógica. A autêntica empatia implica sinceridade, é incompatível com uma conduta de disfarce, que esconde os interesses próprios.

Esta sinceridade é fundamental quando procuramos dar a conhecer o Senhor às pessoas com que convivemos. Fazendo próprios os sentimentos daqueles que Deus pôs ao nosso lado no caminho, temos a finura de caridade de nos alegrarmos com cada um deles e de sofrer também com cada um. «Quem está enfermo, que eu não esteja enfermo? Quem é escandalizado, que eu não me abraze?»[17]. Quanto afeto sincero se descobre nesta carinhosa alusão de São Paulo aos cristãos de Corinto! É mais fácil que a verdade penetre através deste modo de partilhar sentimentos, porque se estabelece uma corrente de afetos – de afabilidade – que potencia a comunicação. A alma torna-se assim mais receptiva ao que escuta, especialmente se se trata de um comentário construtivo que a anima a melhorar na sua vida espiritual.

«O mais importante na comunicação com o outro é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. A escuta ajuda-nos a encontrar o gesto e a palavra oportuna que nos desinstala da tranquila condição de espectadores»[18]. Quando a escuta é atenta, envolvemo-nos na realidade dos outros. Procuramos ajudar o outro a discernir qual é o passo que o Senhor lhe pede para dar nesse momento específico. É no momento em que o interlocutor percebe que a sua situação, opiniões e sentimentos são respeitados – mais, assumidos por quem o escuta – quando abre os olhos da alma para contemplar o resplendor da verdade, a amabilidade da virtude.

Por contraste, a indiferença perante os outros é uma grave doença para a alma apostólica. Não pode acontecer ser distantes com os que nos rodeiam:

«Essas pessoas, que te acham antipático, deixarão de pensar assim quando repararem que as amas de veras. Depende de ti»[19]. A palavra compreensiva, os detalhes de serviço, a conversa amável, refletem um interesse sincero pelo bem daquelas pessoas com quem convivemos. Saberemos fazer-nos amar, abrindo as portas de uma amizade que partilha a maravilha do trato com o Senhor.

Animar a caminhar

O Papa Francisco salienta que «um bom acompanhante não consente fatalismos ou a pusilanimidade. Convida sempre a querer curar-se, a carregar a maca, a abraçar a cruz, a deixar tudo, a sair sempre de novo a anunciar o Evangelho»[20]. Ao responsabilizarmo-nos pelas debilidades dos outros, saberemos também animar a não ceder ao conformismo, a alargar os seus horizontes para que continuem a aspirar à meta da santidade.

Ao agir deste modo, seguiremos o exemplo de profunda compreensão e amável exigência que nos deixou Nosso Senhor. Quando, na tarde do dia da Ressurreição, caminha ao lado dos discípulos de Emaús, pergunta-lhes: «Que palavras são essas que trocáis entre vós pelo caminho?»[21], e deixa que desabafem, manifestando a desilusão que oprimia os seus corações e a dificuldade que tinham em acreditar que Jesus tinha realmente regressado à vida, como testemunhavam as santas mulheres. Só então o Senhor toma a palavra e lhes explica como «era necessário que o Cristo sofresse tais coisas para entrar na Sua glória»[22].

Como teria sido a conversa de Jesus, de que modo teria sabido responder às inquietações dos discípulos de Emaús, que no final Lhe dizem: «Fica connosco»[23]? E isso, apesar de que no início lhes censura a sua incapacidade de compreender o que tinham anunciado os Profetas[24]. Talvez fosse o tom de voz, o olhar carinhoso, que faria com que estes

personagens se sentissem acolhidos mas, ao mesmo tempo, convidados a mudar. Com a graça do Senhor, também o nosso trato refletirá o apreço por cada pessoa, o conhecimento do seu mundo interior, que impulsiona a caminhar na vida cristã.

Javier Laínez

[Voltar ao índice](#)

[1] S. Josemaría, *Caminho*, n. 463.

[2] 1 *Pe* 3, 8.

[3] *Lc* 7, 11-17.

[4] Cfr. *Lc* 8, 40-56; *Mt* 9, 18-26.

[5] Cfr. *Mt* 15, 32.

[6] Cfr. *Jo* 11, 35.

[7] Cfr. *Lc* 9, 51-56.

[8] *Caminho*, n. 409.

[9] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 71.

[10] *Jo* 3, 16.

[11] *Act* 3, 17. 19-20.

[12] *Act* 17, 23.

[13] *Caminho*, n. 657.

[14] S. Josemaría, *Temas actuais do cristianismo*, n. 44.

[15] *Ef* 4, 15 (Vg).

[16] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 46.

[17] *2 Cor* 11, 29.

[18] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 171.

[19] S. Josemaría, *Sulco*, n. 734.

[20] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 171.

[21] *Lc* 24, 17.

[22] *Lc* 24, 26.

[23] *Lc* 24, 29.

[24] Cfr. *Lc* 24, 25.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2021

www.opusdei.pt

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos